

ADVERSO

Nº 179 - Julho de 2010

**Impresso
Especial**

0334/2001-DR/RS
ADUFRGS

...CORREIOS...



ISSN 1980315-X



9 771980 315002

00179

As veias abertas do Ensino Superior

Privatização de instituições, má qualidade do serviço, condições inadequadas de trabalho, redução de investimentos em pesquisa, perda de mão de obra científica e falta de apoio para políticas públicas de ensino preocupam docentes de nove países latino-americanos

Páginas 16 a 18

Adufrgs-Sindical participa do: **VI ENCONTRO NACIONAL DO PROIFES E II ENCONTRO NACIONAL DO PROIFES-SINDICATO**

Confira a programação:

| | |
|--|---|
| Dia 03 de agosto: | Abertura |
| Dia 04 de agosto: 09h às 12h30min | Carreira Docente – perspectivas e encaminhamentos |
| 14h às 17h30min | Proposta de Educação para o Brasil e para a América Latina |
| Dia 05 de agosto: 09h às 12h30min | Prestação de Contas e Previsão Orçamentária /Estatuto do Proifes Federação, e alterações do Estatuto do Proifes, Fórum |
| Dia 06 de agosto: 09h às 12h30min | Consolidação do novo movimento sindical |
| 14h às 17h30min | Segurança Jurídica – uma questão central Previdência Complementar – uma discussão inadiável |
| Dia 07 de agosto: 09h às 12h30min | Seminário: questões relativas ao Ensino Básico, Técnico e |
| 14h às 17h30min | Tecnológico |
| Dia 07 de agosto: 18h | Encerramento |



Sindicato dos Professores das Instituições
Federais de Ensino Superior de Porto Alegre
Rua Otávio Corrêa, 45 Porto Alegre/RS
CEP 90050-120 Fone/Fax: (51) 3228.1188
secretaria@adufgrs.org.br
www.adufgrs.org.br

Presidente - Claudio Scherer
1º Vice-Presidente - José Carlos Freitas Lemos
2º Vice-Presidente - Maria Luiza Ambros von Hollenben
1ª Secretária - Daniela Marzola Fialho
2ª Secretária - Elizabeth de Carvalho Castro
3ª Secretária - Maria Cristina da Silva Martins
1º Tesoureiro - Paulo Artur Kozen Xavier de Mello e Silva
2ª Tesoureira - Maria da Graça Saraiva Marques
3ª Tesoureira - Ana Paula Ravazzolo

ADVERSO

Publicação mensal impressa em
papel Reciclato 90 gramas
Tiragem: 5.000 exemplares
Impressão: Comunicação Impressa

Produção e Edição:
 **VERDEPERTO**
(51) 3228 8369

ISSN 1980315-X



Edição: Adriana Lampert
Reportagens: Cláudia Rodrigues, Cleber Dioni Tentardini,
Luana Dalzotto e Maurício Boff
Projeto Gráfico: Eduardo Furasté
Diagramação: Eduardo Furasté e Facundo de Arriba (estagiário)
Ilustração: Mario Guerreiro
Arte Final: Julio CC Lima Jr

Editorial

Uma nova dimensão do sindicalismo docente

Entre 15 e 17 de julho, representantes da Adufrgs-Sindical, como parte da comitiva do Proifes, estiveram presentes na capital argentina em dois eventos que inscreveram nossa entidade em uma nova dimensão de fazer e perceber a política sindical. A comitiva participou da II Reunión Latinoamericana de Organizaciones Sindicales de la Educación Superior organizada pela Federación Nacional de Docentes Universitarios (Conadu) e pela Internacional de la Educación para América Latina (IEAL) e do II Seminario Latinoamericano de Educación Superior "Universidad e Independencia. Los desafíos de la integración", organizado pelo Instituto de Estudios y Capacitación (IEC/Conadu) e Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales (Clacso).

Temos sido acostumados a pensar pequeno, circunscritos às nossas bases territoriais locais, regionais ou nacionais. Usualmente, pensamos a organização do movimento sindical dos docentes em nível de Porto Alegre, Rio Grande do Sul ou Brasil.

O primeiro dos dois eventos foi um grande desfile de diferentes e às vezes impressionantemente semelhantes realidades entre os nove países presentes (Brasil, Argentina, Chile, México, Uruguai, Colômbia, Peru, República Dominicana e Nicarágua). Nas sutilezas das diferentes maneiras de falar o espanhol foram sendo desenhadas distintas experiências de ensino superior e de fazer política sindical. A unidade correspondia ao pano de fundo comum, representado pela agenda da IEAL, de defesa dos Direitos Humanos, da paz, da democracia, da justiça social.

Como parte de um novo patamar na longa escalada de participações em acontecimentos históricos, a Adufrgs não deve se furtar a essa nova maneira de se visualizar e se inserir no conjunto atualizado de eventos sindicais de professores universitários da América Latina e do Mundo. Maneiras diferentes de fazer o sindicalismo, algumas novas, outras antigas e modificadas. Jeitos diferentes de ler as realidades. Mas, invariavelmente, em todos esses lugares, pobreza, discriminações sociais e arcaicas estruturas legislativas e judiciárias em muito decorrentes ou influenciadas pelos variados regimes militares das décadas de 70 e 80. Outras vezes, e pior ainda, muitos desses países sofreram "modernizações" legislativas e judiciárias que abriram suas economias para o programa neoliberal da década de 90. O regime de vigilância instalado por redes associativas como essa da IEAL é fundamental para que possamos mapear os pontos fortes e frágeis da defesa latino-americana do ensino público e qualificado, ferramenta indispensável a Estados adequadamente inseridos às realidades sociais de nossos dias. Assim é que a Adufrgs-Sindical tem o maior interesse em participar da nova agenda da IEAL, discutindo e analisando o detalhamento dos dados já abordados, outros acrescentados e das recentes inclusões das realidades uruguaia e mexicana.

A melhor pressão contra a "mercantilização" do ensino superior público é esse trabalho conjunto das várias entidades sindicais internacionais. Os sindicatos têm se constituído em instrumentos políticos de conscientização e de pressão contra os chamados programas neoliberais. Nesse sentido, são forças localizadas nos diferentes países que auxiliam em avanços das organizações estatais e suas orientações. A construção da política sindical não deve ser costurada somente dentro do Brasil, ela pertence a um âmbito global. A Adufrgs-Sindical não é uma ilha.

Diretoria da Adufrgs-Sindical

ÍNDICE

04**EDUCAÇÃO****ESPECIAL****Museu das águas em Porto Alegre**
por Cláudia Rodrigues**06****10****PING-PONG****Coronel Emilio Neme**
"Que as armas não falem"
por Cleber Dioni Tentardini**VIDA NO CAMPUS****Bloqueador solar inédito é desenvolvido pela Ufrgs**
Por Luana Dalzotto**14****16****REPORTAGEM****América Latina discute bases para uma nova agenda sindical**
por Maurício Boff**ARTIGO****Globalização: breve reflexão crítica**
por Plauto Faraco Azevedo**19****20****NOTÍCIAS****OBSERVATÓRIO****21****22****NAVEGUE****ORELHA****23****24****EM FOCO****Esporte e História na Rádio da Universidade**
Por Luana Dalzotto**+1****26****27****SANTIAGO**

Enade anuncia mudanças em 2010

O Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (Enade) passará por mudanças ainda este ano. A primeira delas está relacionada à formulação da prova que, em 2009, teve 54 questões anuladas em razão da qualidade. De agora em diante, as perguntas serão elaboradas por membros da comunidade acadêmica, via editais abertos pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (Inep), órgão vinculado ao Ministério da Educação (MEC). Até então, as questões eram compradas de empresas privadas.

Além disso, a exemplo do que aconteceu com o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) no ano passado, o Inep decidiu alterar o esquema de impressão, distribuição e aplicação do teste. Agora, haverá licitação tanto para produzir, quanto para aplicar a prova. E a distribuição também será feita pelos Correios, em processo idêntico ao do Enem.

Para o professor Gilberto Cunha, secretário de Avaliação Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Ufrgs), o fato do Inep assumir de modo efetivo o controle da elaboração e da aplicação das provas é a mudança mais relevante. Porém, "construir questões que examinem, simultaneamente, competências, habilidades, atitudes e conteúdos previstos no currículo de cada curso, tanto de estudantes ingressantes, quanto de concluintes, continua sendo o maior desafio", ressalta Cunha.

Outra modificação importante é o preenchimento online do questionário sócio-econômico do aluno, uma das primeiras etapas do Exame. Até o ano passado, o questionário, que também contém informações da instituição e tem peso na classificação final de cada curso, era respondido manualmente pelos candidatos. Para Marion Creutzberg, coordenadora da Comissão Principal de Avaliação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (Puc/RS), o preenchimento online irá facilitar o processo, "já que as respostas serão enviadas automaticamente para o Enade", afirma.

Obrigatoriedade entre os calouros

Como não é possível avaliar todos os cursos e alunos, alguns critérios foram criados. As áreas a serem testadas são definidas anualmente pelo MEC e, em média, a aplicação do Enade em cada curso é de três em três anos.

As regras para os estudantes variam. Para os alunos do ensino superior, o exame é obrigatório aos calouros e estudantes (das áreas escolhidas) que até 2 de agosto tiverem concluído entre 7% e 22% da carga horária mínima do currículo. O mesmo se aplica àqueles que finalizam a graduação no segundo semestre de 2010 ou



Enade 2010

Prova: 21 de novembro

Inscrições até 31 de agosto por meio dos sites:

<http://www.inep.gov.br> e <http://enade.inep.gov.br>

Cursos avaliados

Bacharelado:

Agronomia, Biomedicina, Educação Física, Enfermagem, Farmácia, Fisioterapia, Fonoaudiologia, Medicina, Medicina Veterinária, Nutrição, Odontologia, Serviço Social, Terapia Ocupacional e Zootecnia.

Técnicos:

Agroindústria, Agronegócios, Gestão Hospitalar, Gestão Ambiental e Radiologia.

que já tenham cursado pelo menos 80% da faculdade.

Já para os estudantes dos cursos superiores de tecnologia, estreantes no Exame, o teste é obrigatório para os que têm entre 7% e 25% da carga concluída até 2 de agosto e, para os formandos com pelo menos 75% de tempo de curso.

A inscrição é de responsabilidade das instituições de ensino e deve ser feita até o dia 31 de agosto, por meio do site do Inep. A lista dos convocados sai no dia 20 de setembro e os locais da prova serão divulgados até 22 de outubro.

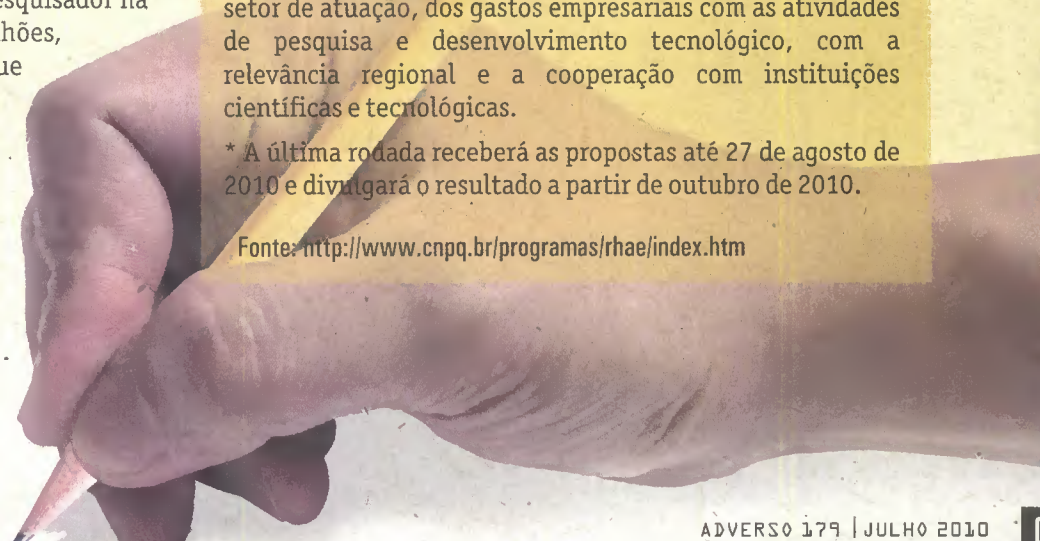
A fim de transformar a cara do Enade (muitos alunos deixavam a prova em branco, porque o resultado não entra no histórico escolar), o Inep oferece, a partir desse ano, bolsas de estudo em cursos de pós-graduação para os estudantes de graduação que obtiverem as melhores notas no Exame. Inicialmente, podem concorrer os melhores de 2007 e 2008 que, após aprovados no processo seletivo da instituição, deverão apresentar cópia do boletim de desempenho emitido pelo Inep. Interessados têm o prazo de um ano para ingressar em programas de pós-graduação reconhecidos pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). A decisão abrange também estudantes já matriculados em cursos de pós-graduação. ▴

O mercado para o stricto sensu

A quantidade de mestres e doutores no mercado de trabalho no Estado ainda é considerada baixa. Neste ano, a Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Ufrgs) registra cerca de 8.500 alunos só no stricto sensu. Desse número, 80% dos doutores retornam para as universidades como professores – que orientam novos pesquisadores. O restante, atua como profissional liberal, ou é absorvido por empresas.

Formado em engenharia mecânica pela Ufrgs em 1981, Edson Zilio Silva voltou para a universidade duas vezes: uma para fazer mestrado e a outra, doutorado, curso que ele terminou em 2008. Durante esses períodos, recebeu incentivo e apoio da companhia Pirelli Pneus, onde trabalhou até o ano passado, durante quase três décadas. “Quando decidi complementar meu currículo na área de negócios e troquei de empresa, fez muita diferença o fato de eu ter doutorado”, explica Silva, atual responsável pelo setor de Desenvolvimento de Negócios Internacionais da DHB Componentes Automotivos.

No entanto, ele sabe que pertence a uma minoria. “As empresas na área de gestão valorizam o MBA e de certa forma são preconceituosas com mestrados e doutorados porque acham que o meio acadêmico é muito teórico e pouco prático”, avalia Andrea Müssnich, gerente de Marketing da Associação Brasileira de Recursos Humanos (ABRH). Segundo ela, na área técnica é mais comum o mercado aceitar profissionais com mestrado e doutorado nos setores de pesquisa e desenvolvimento de produtos. “Mas ainda é muito pequena a participação”, observa.

“O sistema de pós-graduação do Brasil ainda é muito jovem, tem uns 45 anos”, contemporiza Aldo Lucion, pró-reitor de Pós-Graduação da Ufrgs. Conforme dados do Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT), dos 155 mil especialistas formados em cursos stricto sensu, apenas 5% foram empregados no mercado. Para incentivar a contratação desses profissionais, o MCT e o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) lançaram em 2009 o edital Rhae – Pesquisador na Empresa. O projeto, no valor de R\$ 30 milhões, será dividido entre as companhias que apresentarem propostas viáveis de pesquisa científica, tecnológica e de inovação. 

RHAE – pesquisador na empresa

* Em 2009, o Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT) e o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) criaram o Edital RHAe - Pesquisador na Empresa, no valor global de R\$ 30 milhões.

* Dividido em três rodadas, o Edital financiará projetos de pesquisa científica, tecnológica e de inovação desenvolvidos dentro das empresas. O principal objetivo é apoiar a ida de pesquisadores mestres e doutores para as companhias, atendendo aos objetivos do Plano de Ação de Ciência, Tecnologia e Inovação para o desenvolvimento nacional (PAC CTI 2007-2010) e as prioridades da Política de Desenvolvimento Produtivo (PDP).

* Serão apoiadas propostas que busquem abordar os setores industriais dentro dos temas:

- Programas mobilizadores em áreas estratégicas, como: Tecnologias de Informação e Comunicação, Nanotecnologia, Biotecnologia, Complexo Industrial da Defesa, da Saúde e da Energia Nuclear

- Programas para fortalecer a competitividade, como: Complexo Automotivo, Indústrias de Bens de Capital, Naval e de Cabotagem, Têxtil e de Confecções, Complexo de Couro, Calçados e Artefatos, o setor de Higiene Pessoal, Perfumaria e Cosméticos, entre outros

- Programas para consolidar e expandir liderança, como: Complexo Produtivo do Bioetanol, da Indústria do Petróleo, Gás e Petroquímica, Complexo Aeronáutico e Complexos Produtivos de Mineração, Siderurgia, Celulose e Carnes

* As propostas, com valor máximo de R\$ 300 mil, devem estar associadas ao desenvolvimento tecnológico de produtos ou processos, visando o aumento da competitividade das empresas através da inovação, adensamento tecnológico e dinamização das cadeias produtivas, além do incremento e compatibilidade com o setor de atuação, dos gastos empresariais com as atividades de pesquisa e desenvolvimento tecnológico, com a relevância regional e a cooperação com instituições científicas e tecnológicas.

* A última rodada receberá as propostas até 27 de agosto de 2010 e divulgará o resultado a partir de outubro de 2010.

Fonte: <http://www.cnpq.br/programas/rhae/index.htm>

Um museu das águas em Porto Alegre

O ambientalista francês Jean-Michel Cousteau declarou no último dia 5 de julho, total apoio à proposta de criação do Museu das Águas em Porto Alegre. Recebido no Salão Nobre da reitoria da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Ufrgs) pelos integrantes dos Grupos de Trabalho (GT) do Museu das Águas da Universidade e do Comitê Multidisciplinar de Planejamento Urbanístico da Orla do Guaíba, Cousteau citou uma frase de seu pai, Jacques-Yves Cousteau: "as pessoas protegem aquilo que amam".

Por Cláudia Rodrigues

Esse é o sentimento que tem movido pessoas da sociedade civil portoalegrense que se uniram e criaram o Comitê Multidisciplinar de Planejamento Urbanístico da Orla do Guaíba. O grupo apresentou a ideia ao reitor Carlos Alexandre Netto, que designou uma equipe de especialistas para colaborar na construção do projeto do museu.

"Alguém tem que começar", incentiva a artista plástica Zoravia Bettiol, coordenadora do Comitê. Para ela, esse é um daqueles momentos históricos em que a comunidade precisa abrir os olhos para lutar por si, pela sua família e pelo coletivo. Ou o contrário: pelo coletivo, que resultará em um benefício para as famílias, e em consequência, para o indivíduo.

Nós somos o Guaíba

Brilha o olho de Rualdo Menegat, professor do Departamento de Paleontologia e integrante do Grupo de Trabalho Museu das Águas da Ufrgs, ao clamar: "Nós somos o Guaíba!" Para ele, uma das dificuldades da atualidade é fazer um indivíduo enxergar o real crescimento de Porto Alegre e a finitude dos recursos do Lago. Mas, anterior a isso, percebe-se uma visão saudosista da cidade de um tempo em que não havia a preocupação com a escassez da água no planeta e a zona Sul era balneário de uma geração inteira. "O cidadão que vive em Porto Alegre necessita compreender que a água que ele bebe, lava roupa ou toma banho vem do Lago Guaíba – o mesmo lugar em que depositamos nosso



Orla do Guaíba em Porto Alegre sediará o Museu das Águas

esgoto, ainda sem o devido tratamento", lembra Menegat.

A conscientização da importância vital do Guaíba é um processo lento. Milton Cruz, doutorando em Sociologia na Universidade e membro do Comitê, é um dos responsáveis por uma ampla pesquisa que deverá ser realizada na Capital neste segundo semestre. O objetivo é identificar maneiras de modificar a percepção que a população tem hoje do local. "A falta de memória prejudica o entendimento do tamanho do significado do Guaíba. Por isso, é urgente que a história do Lago e a relação que a cidade teve com ele sejam repassadas, para que todos entendam que urge um novo jeito de ver, sentir e se relacionar com o Lago", avalia Cruz.

Menegat complementa: "Porto Alegre nasceu no Lago Guaíba. A relevância desse corpo de água é histórica, estratégica, cultural, paisagística e ambiental. Precisamos saber disso, para podermos preservar e perceber o nosso Lago como ele é."

Espaço cultural

"É justamente aí que entra o Museu das Águas", anuncia Luiz Antonio Timm Grassi, engenheiro da



Fotos: Cadinho Andrade/Ufrgs

Integrantes do GT do Museu das Águas receberam Cousteau que declarou total apoio ao empreendimento. À esquerda: Zoravia e Rualdo agradecem o incentivo do ambientalista francês

Associação Brasileira de Engenharia Sanitária e Ambiental (Abes). Dividido em três eixos - educativo, histórico e artístico - o museu não pretende ser convencional. "Para começar, a proposta parte do princípio que esse local será de produção de conhecimento", comunica Jeniffer Cuty, vice-coordenadora do curso de Museologia da Ufrgs e participante do GT.

Inédito no mundo ao incluir um viés artístico, o Museu das Águas de Porto Alegre será destinado a shows, apresentações, exposições, palestras e atividades culturais em suas mais variadas formas. Esse conceito moderno do empreendimento surge como uma nova mídia em prol da conscientização ambiental. Trata-se de um espaço que disponibilizará também artefatos históricos. No entanto, totalmente interativos, e que exerçam uma potencialidade educacional intensa.

Reproduzir o funcionamento de uma barragem e o processo de irrigação são outros exemplos do diferencial do museu. "Já temos em paralelo um projeto na Secretaria Estadual de Educação para que a rede pública inclua no currículo conteúdos sobre a água que vão além da parte física e geográfica, pois água hoje requer gestão e cidadania", orgulha-se Grassi.

A estrutura física deverá ser escolhida mediante um concurso internacional orientado pelo Instituto dos Arquitetos do Brasil (IAB/RS), apoiador da causa. "Queremos um espaço integrado ao Lago que represente um símbolo, um ícone da orla, entre a terra e a água", avisa Zoravia. A ideia é que o museu seja público e pertença a cada cidadão, para mostrar que o Guaíba é parte de cada portoalegrense, assim como cada um é responsável pelo Lago. Com a diversificação da vida contemporânea, o Museu das Águas pretende alcançar uma multiplicidade de usos em um projeto público que estabeleça uma nova possibilidade entre o lago e os gaúchos.

A verba para a construção do espaço cultural poderá ser oriunda de órgãos como a Companhia Riograndense de Saneamento (Corsan), que já acenou com grande interesse, assim como outras instituições públicas e privadas. Além disso, o advogado Christiano Ribeiro está trabalhando voluntariamente para a implementação da Sociedade Amigos do Museu das Águas. "Tenho convicção de que a iniciativa é muito positiva e necessária, pois ajuda a desenvolver a ecocidadania por meio de divulgação cultural e educacional ambiental. Dessa forma, a população terá a oportunidade de se aproximar mais desse patrimônio que é de todos, e por todos deve ser protegido, exigindo de forma vigilante a atuação do poder público",

O Museu das Águas será dividido em três eixos:

* **Educativo:** O tema da água será desenvolvido em diversos aspectos sob forma de jogos, instrumentos audiovisuais e interativos, modelos e maquetes (reprodução de: bacia hidrográfica, estação de tratamento de água e de efluentes industriais, sistema de irrigação, barragem para geração de energia).

* **Histórico:** Exposição de documentos, artefatos, vídeos e mídias interativas que mostrem a relação da história da água e os vários usos da mesma. Aborda a história do Lago Guaíba e sua relação com a criação e o desenvolvimento de Porto Alegre e do Rio Grande do Sul. As funções estratégica, bélica, naval, de pesca, turismo, sustentabilidade, abastecimento e tantas outras serão também retratadas.

* **Artístico:** O empreendimento prevê espaço para receber obras produzidas por artistas nos mais diferentes formatos, suportes, propostas e concepções. Shows, apresentações, palestras, oficinas estão na pauta - feito inédito no mundo.

convida Ribeiro.

Como engenheira química do GT da Ufrgs, Isabel Tessaro espera ver o Museu das Águas de Porto Alegre como alavancador de ações ambientalmente corretas, principalmente no que diz respeito à água. O local deve simbolizar um exemplo de sustentabilidade, desde a sua construção, com materiais ecologicamente corretos e projeto com reaproveitamento dos recursos naturais, até o seu funcionamento. "Eu acredito que devemos incluir energias renováveis, como a solar, reutilização da água, reaproveitamento da chuva e uma pequena estação de tratamento de esgoto", lista.

Representando o Rio Grande do Sul, o fotógrafo Eduíno Mattos, integrante do Comitê, compareceu ao 4º Fórum Nacional dos Museus em julho, em Brasília. Na ocasião, ele protocolou oficialmente a proposta do Museu das Águas de Porto Alegre no Ministério da Cultura e no Instituto Brasileiro de Museus (Ibram). ➤

O Comitê do Lago

O Rio Grande do Sul possui 25 bacias hidrográficas. Destas, nove integram a Região Hidrográfica do Guaíba, cada uma com seu comitê de gerenciamento - composto por representantes do Estado, dos usuários da água e da sociedade. O Comitê de Gerenciamento da Bacia Hidrográfica do Lago Guaíba é um desses nove colegiados, encarregado legalmente de desenvolver o planejamento da proteção e dos usos das águas dessa bacia.

A primeira fase desse plano foi o enquadramento das águas em classes de qualidade. Em uma escala de 0 a 4, o Lago e os arroios afluentes foram enquadrados em categorias a serem alcançadas, a partir da condição atual. A classe 4, de cor vermelha, é onde há um alto nível de poluição.

Agora, o órgão está elaborando o Plano de Bacia, um roteiro de ações para que os municípios e todos os usuários das águas cumpram em prazos determinados as medidas estipuladas para melhorar a qualidade da água conforme o uso da mesma por aquela população analisada (mapa 1). Se um local precisa atingir a classe 3, ou ainda seguir adiante em direção às classificações 2 ou 1, ele terá o Plano de Ações como orientador. "A instalação desses comitês é mérito gaúcho. Fomos os pioneiros no País", comemora Teresinha Guerra, representante da Ufrgs no Comitê do Lago e professora do departamento de Ecologia da Universidade. Segundo ela, o relatório com o termo de referência para o Plano de Bacia já foi aprovado pela Divisão de Recursos Hídricos do governo do Estado e aguarda a verba do Executivo para finalizar a última etapa.

A seguir, municípios e usuários receberão o documento e poderão iniciar as obras e processos contando com suporte financeiro estadual, federal e possíveis financiamentos - inclusive internacionais -, desde que com a contrapartida local. "O Brasil tem verba para isso. As cidades têm é que se organizar e apresentar projetos para viabilizar o que deve ser feito", diz Teresinha.

Ao mesmo tempo, analisa Grassi, há a tendência mundial da cobrança pelo uso da água como instrumento de gestão capaz de induzir ao uso mais racional e econômico da mesma e, simultaneamente, formar um fundo financeiro para a bacia. Quem retirar a água do Lago vai ter de pagar por isso dentro de poucos anos. "O Dmae por exemplo, acrescentaria em uma conta de água um ou dois centavos, assim como todos os outros usuários, como a indústria e a agricultura. O resultado seria destinado para um fundo de recuperação dos recursos hídricos", explica. Previstas tanto na Lei Federal quanto na Lei Estadual da Água, as funções de uma Agência de Bacia - assessorar tecnicamente o Comitê e executar a cobrança - deverão ser cumpridas pela Fundação Estadual de Planejamento Metropolitano do RS (Metroplan), que se reportará ao Comitê do Lago.

Vale ressaltar que a fiscalização, sobretudo, deverá ser executada pelos visitantes do museu. Cada uma das conquistas do Comitê será documentada para que o cidadão acompanhe a recuperação das águas e cobre o que não tiver sendo cumprido.

Pioneiro no mundo

O Museu das Águas de Porto Alegre será o primeiro no mundo a abordar, além dos aspectos educativo e histórico, a questão artística da água.

Confira alguns exemplos de museus da água:

Em Lisboa, Portugal, existe um museu das águas desde 1919 (<http://museudaagua.epal.pt>)

Na Holanda, o Netherlands Water Museum, em Arnhem, é um espaço interativo dedicado a água doce (<http://www.watermuseum.nl>)

O New York Museum of Water, de acordo com seu site, é o primeiro e único nos Estados Unidos exclusivamente dedicado à água (<http://www.nymv.org>)

Na Rússia, o Museu das Águas de São Petersburgo foi inaugurado em 2003 em uma torre de água datada de 1860

Em 2008, a Itália abriu as portas do seu Museo delle Acque de Perugia (<http://perugianotize.blogspot.com>). No país existem mais dois espaços similares, entre dezenas de ecomuseus ou museus do ambiente

O Kew Bridge Steam Museum, em Londres, é reconhecido como o mais importante sítio histórico da indústria do abastecimento de água na Grã-Bretanha (<http://www.kbsm.org>)

Na Espanha encontra-se o Ecomuseu del Agua de Benamahoma, na Andaluzia, e o Museo de la Ciencia y del Agua da Murcia

Buenos Aires instalou unidades administrativas do abastecimento de água da cidade em um antigo reservatório desativado chamado de Palacio de las Águas Corrientes onde há um pequeno museu

Em Blumenau (SC), a primeira estação de água, de 1943, foi transformada em Museu da Água, em 1999



Classe 1 (verde): Abastecimento para consumo humano após tratamento simplificado; proteção das comunidades aquáticas (inclui as nas terras indígenas); recreação de contato primário (natação, mergulho, esqui).

Classe 2 (amarelo): Abastecimento para consumo humano após tratamento convencional; proteção das comunidades aquáticas; recreação de contato primário (natação, mergulho, esqui); aquicultura e pesca.

Classe 3 (laranja): Abastecimento para consumo humano após tratamento avançado; pesca amadora; recreação de contato secundário; dessedentação de animais.

Classe 4 (vermelha): Navegação; harmonia paisagística.

Proteger a água é proteger a si mesmo

A ideia de um museu das águas surgiu durante o Ano Estadual das Águas, estabelecido pelo governo do Estado do Rio Grande do Sul, em 2004. O evento, desenvolvido ao longo de todo o ano em comemoração ao aniversário de uma década da Lei Estadual da Água, foi uma proposta da Câmara Técnica dos Recursos Hídricos da Associação Brasileira de Engenharia Sanitária e Ambiental. Diversas entidades da sociedade civil e órgãos públicos apoiaram a iniciativa na época.

No II Fórum Internacional das Águas, em novembro do mesmo ano, o presidente da Associação Riograndense de Imprensa (ARI) sugeriu a criação de um museu das águas, mas o tema não conquistou muitos adeptos.

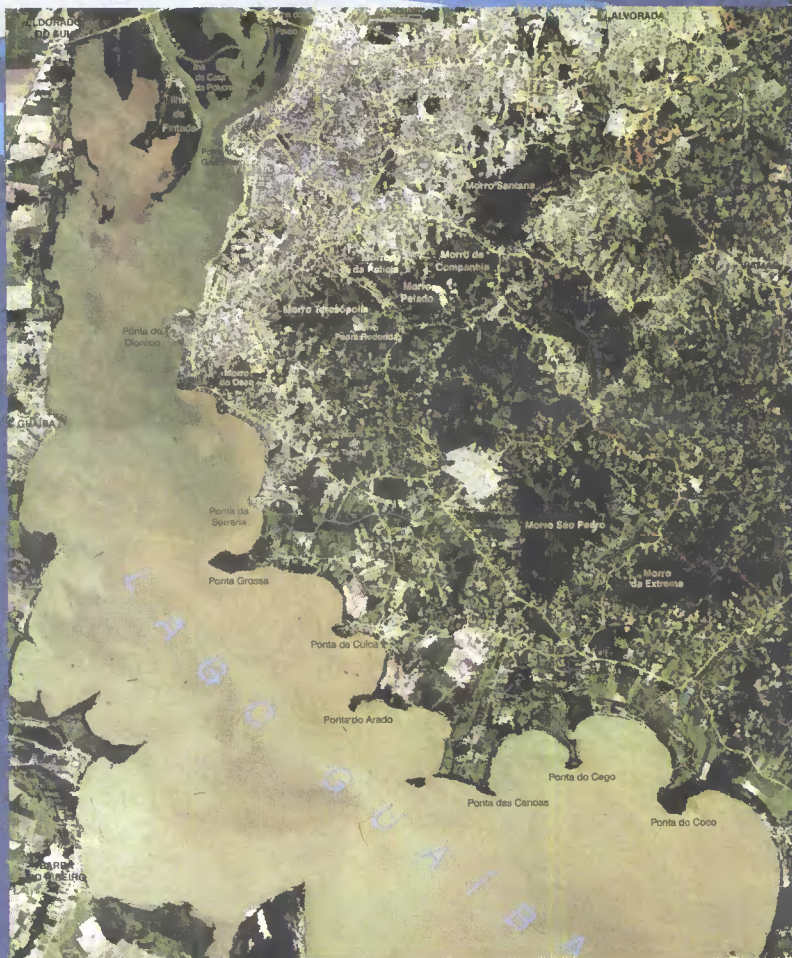
Em 2009, um grupo de pessoas e entidades sentiu necessidade de defender seu ponto de vista contrário ao Pontal do Estaleiro. E assim nasceu o Movimento em Defesa da Orla do Guaíba. Após consulta pública, realizada pela Prefeitura Municipal de Porto Alegre, o projeto do Pontal do Estaleiro foi reprovado por 80,7% dos votantes na Capital.

O Movimento em Defesa da Orla do Guaíba então dividiu-se em Grupos de Trabalho. Um deles passou a ser reconhecido como Comitê Multidisciplinar de Planejamento Urbanístico da Orla, iniciativa de Zoravia Bettiol. Com o apoio do Grupo de Trabalho Museu das Águas da Ufrgs, da Abes, do IAB, da ARI, da Agapan, da Corsan e da Uniritter, o Comitê vem apresentando para a sociedade o significado de um Museu das Águas em Porto Alegre. "Proteger a água é proteger a si mesmo", escreveu o ambientalista francês Jean-Michel Cousteau no Livro de Ouro da Ufrgs, ao aprovar a proposta do museu durante o encontro com o reitor Carlos Alexandre Netto e com integrantes do Comitê.

A orla do Guaíba

Dividida em quatro zonas, a orla do Lago Guaíba tem cerca de 85 quilômetros de extensão territorial, sendo que 70 são em Porto Alegre e 15 em Viamão (mapa 2). Rualdo Menegat provoca: "O que aconteceria se houvesse um desastre ambiental no Guaíba?" A verdade é que o Rio Grande do Sul não está preparado para uma situação dessas. A afirmação é do chefe do Serviço de Emergência da Fundação Estadual de Preservação Ambiental (Fepam). Luiz Fernando Guaragni acrescenta que se houvesse vazamento de algum produto químico transportado pelos navios, por exemplo, não haveria nem um plano de contingência. "Ficariamos sem água", prevê Menegat.

Dessa maneira, o professor coloca-se favorável a criação de um fundo de preservação ambiental para o Lago Guaíba, que pode ocorrer após a culturalização da importância do mesmo para cada indivíduo, sem que haja uma catástrofe. "Esse é um dos pontos em que acredito muito na função do museu", aprova ele. Teresinha Guerra, que participa do GT Museu das Águas da Ufrgs convoca: "Chegou a hora de vermos o Guaíba como muito, muito mais do que um lindo pôr-do-sol."▲

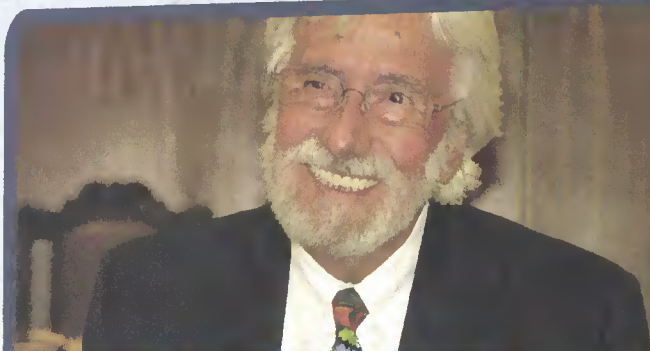


Zona 1: Foz do Gravataí até a Ponta do Morro Santa Tereza - Intensa ocupação habitacional

Zona 2: Ponta do Morro Santa Tereza até a Ponta Grossa - Urbanização densa na margem com unidades familiares

Zona 3: Ponta Grossa até a Ponta do Coco - Baixa ou pouca ocupação humana. Áreas naturalizadas

Zona 4: Ponta do Coco até Itapua - Região mais natural de todas. No local há importantíssimos bosques (ou manchas verdes) para o funcionamento do ecossistema que precisam ser preservados



Embaixador do Meio Ambiente

O francês Jean-Michel Cousteau é oceanógrafo e ambientalista, além de produtor cinematográfico e educador. Nascido em 1938, é o mais velho dos filhos de Jacques Cousteau, explorador francês pioneiro na descoberta dos recursos do fundo do mar, falecido em 1997. Influenciado pelo pai, iniciou seus estudos marinhos aos sete anos de idade. Kursou Arquitetura e especializou-se em Arquitetura Marinha.

Em 1999, fundou a Ocean Future Society (OFS), organização sem fins lucrativos que trabalha com programas de conservação marinha e educação ambiental. Jean-Michel e sua equipe viajam pelo mundo como "embaixadores do meio ambiente". Em sua produção cinematográfica constam mais de 80 filmes sobre os oceanos, tendo recebido inúmeros prêmios de grande reconhecimento.

Fonte: Ufrgs

“Que as armas não falem”

Neste mês de agosto, a Campanha da Legalidade completa 49 anos. Como acontece anualmente, serão realizados debates e solenidades para exaltar o movimento que permitiu a posse do vice-presidente da República, João Goulart, diante da renúncia de Jânio Quadros.

A revista *Adverso* procurou alguém capaz de detalhar os bastidores daquele momento que, por pouco, não resultou em guerra civil. E não há autoridade maior no assunto aqui no Estado, senão o coronel da reserva Emilio João Pedro Neme, um dos articuladores militares mais atuantes dos governos de Leonel Brizola, no Rio Grande do Sul, e de Jango, na vice, e depois, na presidência do País. Pode-se dizer que o então capitão, e depois major Neme, tinha mais poderes que o próprio comandante da Brigada Militar, embora ele jamais concorde com isso, por questões hierárquicas.

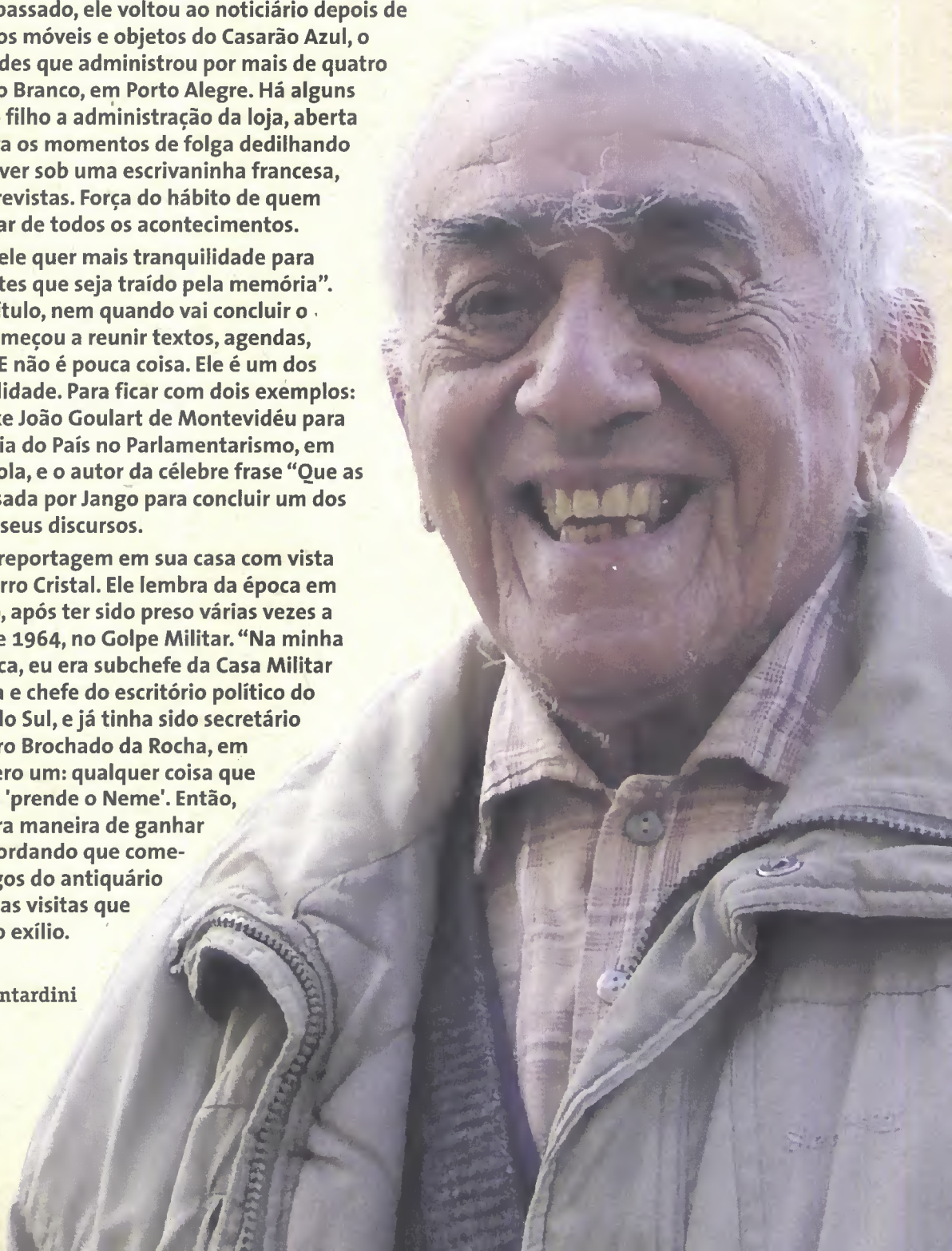
Na metade do mês passado, ele voltou ao noticiário depois de anunciar o leilão dos móveis e objetos do Casarão Azul, o comércio de antiguidades que administrou por mais de quatro décadas no bairro Rio Branco, em Porto Alegre. Há alguns anos ele dividia com o filho a administração da loja, aberta em 1966, e aproveitava os momentos de folga dedilhando sua máquina de escrever sob uma escrivaninha francesa, repleta de jornais e revistas. Força do hábito de quem sempre esteve a par de todos os acontecimentos.

Agora, aos 84 anos, ele quer mais tranquilidade para escrever um livro, “antes que seja traído pela memória”.

Ainda não sabe o título, nem quando vai concluir o trabalho, mas já começou a reunir textos, agendas, anotações e fotos. E não é pouca coisa. Ele é um dos protagonistas da Legalidade. Para ficar com dois exemplos: foi Neme quem trouxe João Goulart de Montevideu para assumir a presidência do País no Parlamentarismo, em 1961, a mando de Brizola, e o autor da célebre frase “Que as armas não falem”, usada por Jango para concluir um dos seus discursos.

O coronel recebeu a reportagem em sua casa com vista para o Guaíba, no bairro Cristal. Ele lembra da época em que abriu o comércio, após ter sido preso várias vezes a partir de 1º de abril de 1964, no Golpe Militar. “Na minha primeira prisão política, eu era subchefe da Casa Militar do governador Brizola e chefe do escritório político do Jango, no Rio Grande do Sul, e já tinha sido secretário do primeiro-ministro Brochado da Rocha, em Brasília. Eu era o número um: qualquer coisa que acontecia, a ordem era ‘prende o Neme’. Então, tive que procurar outra maneira de ganhar dinheiro”, explica, recordando que começou a comprar os artigos do antiquário no Uruguai, durante as visitas que fazia a Brizola no exílio.

por Cleber Dioni Tentardini



Adverso: Já se passaram 49 anos do Movimento da Legalidade, uma das tentativas fracassadas de golpe militar.

Coronel Emilio Neme: Nós tínhamos que fazer cumprir a Constituição e só conseguimos a vitória porque tinha meu grande líder e amigo Leonel Brizola aqui no Palácio, um homem decidido. A Brigada Militar estava sob o comando do Brizola, então nós conseguimos reagir antes do Exército. Os oficiais sabiam que aqui iriam enfrentar homens valentes, bem preparados, que dão a vida no cumprimento do dever. Em 64 já não foi assim, porque o governador estava do lado deles.

Adverso: O coronel Pedro Américo Leal (do Exército) conhecia bem os brigadianos...

Cel Emilio Neme: O Pedro Américo recebeu ordens de invadir as rádios em que o Brizola falava. Ele preparou o ataque, mas comunicou que ia ser destruído porque os seus soldados eram todos recrutas, recém estavam pegando em armas - difícil de enfrentar os soldados da Brigada, os melhores do Brasil naquela época. Aí um general mandou cancelar o ataque.

Adverso: Os brigadianos estavam bem armados?

Cel Emilio Neme: Havia muita munição boa, escondida, que o Flores da Cunha, quando era governador, comprou da Tchecoslováquia, para enfrentar o Getúlio. E eu sabia que estava lá na BM. Então, trouxemos tudo para cá.

Adverso: O senhor era o braço direito do governador, não teve medo de morrer?

Cel Emilio Neme: Não tinha tempo para pensar nisso. E as coisas se resolveram sem tiros. A Brigada ocupou a estrada BR 101 em Torres, instalou um batalhão por lá. Aí disseram que iam invadir pelo porto. O Brizola mandou espalhar a notícia que tinha afundado uma chata (barco) ali na entrada do porto, aí eles não vieram.



“Quando o Jango desceu em Porto Alegre, já estava decidido a ir embora. Inclusive, ele me convidou ainda no aeroporto para ir para o exílio”

Adverso: Afundaram a embarcação?

Cel Emilio Neme: Ele realmente mandou afundar, mas não chegou a acontecer.

Adverso: O Piratini seria bombardeado mesmo?

Cel Emilio Neme: Olha, o que impedia era a Catedral ao lado. Eles ficaram com medo do avião errar e matar o bispo. Aí, teriam todos os católicos contra eles. Mas, antes disso, houve um atraso, porque seis sargentos da Aeronáutica vieram ao Piratini avisar que haviam tirado peças dos aviões, mas que o Comando já tinha mandado buscar em Curitiba. Fui falar com o comandante do III Exército. Disse que as ordens do governador eram mandar a BM atacar a Base Aérea, caso ele solucionasse o problema imediatamente.

Adverso: O Brizola chegou a oferecer ajuda ao Jânio, não é? Por que ele não aceitou?

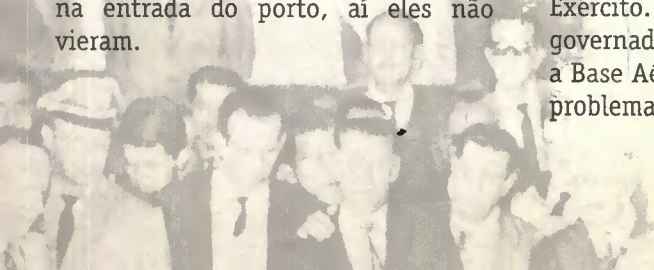
Cel Emilio Neme: Cinco dias antes da renúncia do Jânio, eu estive com ele para lhe entregar um bilhete do Brizola. Na verdade, era um relatório que eu preparei sobre um fato ocorrido na Base Aérea de Canoas. Os militares, que já estavam indignados com a condecoração ao Che Guevara, receberam ordens de recepcionar uma missão comercial russa. Eu estava lá com o Brizola. A certa altura, vi uma movimentação de generais e de outros oficiais, todos indo embora. Avisei o Brizola e ele voltou-se pra mim: “Cadê os milicos, Neme?” Eu disse: “Chefe, o presidente da República não manda mais no Brasil, porque algum general deu uma ordem acima do Jânio Quadros e mandou todos os oficiais saírem”.

Adverso: Aí o senhor foi direto ao Jânio, e o que ele falou?

Cel Emilio Neme: Cheguei em Brasília, liguei para o Castello Branco, assessor de imprensa do Jânio, e fui lá no Palácio. Entrei no gabinete e o Jânio: “Como vai, capitão?” Respondi que ia bem e pensei: “Eu quero ver o senhor, depois de ler isso aqui”. Ele leu o relatório e se transformou, de tanto ódio, mal conseguia segurar o documento. E falou: “Diga ao governador que o presidente está ciente”. Fui embora e dali a cinco dias ele renunciou. Existem duas versões para a abdicação do cargo: a primeira é que Jânio percebera que não tinha mais controle de nada; a outra, é que o presidente teria simulado a retirada, forçando o povo a sair às ruas para pedir seu retorno e os militares o conduziram novamente à presidência, recuperando assim sua autoridade.

Adverso: Mas ele não fez nenhum comentário sobre a possibilidade de renúncia?

Cel Emilio Neme: Nada. Ele era um homem sem controle. Eu senti que ele ia abandonar o governo. Cheguei a dizer para o Brizola: “Olha, o homem não se segura”. De repente, ele acha que está sendo massacrado e foge dessa máfia. ➤



Adverso: Diziam que ele era louco...

Cel Emilio Neme: Ele não era louco, ele tomava um caminho, bom ou ruim, e seguia. E tomava cerveja.

Adverso: Porque ele recusou a ajuda do Brizola?

Cel Emilio Neme: Ele estava lá no aeroporto de Cumbica, eu fiz a ligação do Piratini, mas ele não quis falar com o Brizola. Porque o governador iria reempossar o Jânio como presidente a partir dali do Palácio, e é por isso que ele não veio, ele já tinha resolvido ir embora.

Adverso: O Jango também não quis ficar em 1964, não é? Mesmo com a insistência do Brizola em lutar.

Cel Emilio Neme: O Brizola queria verdadeiramente resistir, e à bala. Dois dias antes do golpe, ele me ordenou para comandar todos os Grupos dos Onze no Rio Grande do Sul. Mas era 29, 30 de março, já não dava mais tempo.

Adverso: Mas daria para resistir mesmo sem o comando da Brigada?

Cel Emilio Neme: O general Ladário assumiu o III Exército por indicação minha. O general Galhardo, que estava aqui, era do Golpe. Então, eu alertei o governador que tinha que pedir para o Jango substituí-lo pelo general Ladário e quando ele viesse do Rio, já trouxesse um documento assinado pelo presidente requisitando a Brigada. Eu fui buscar o Jango e o general Ladário no aeroporto. Logo que chegaram eu perguntei: "General, trouxe a requisição da BM?" E ele: "Não, mandaram eu fazer isso aqui". Bom, então não adianta mais nada, porque a Brigada não vai aceitar isso, sem ordem do governador ou do presidente.

Adverso: Mas, e o governador Meneghetti?

Cel Emilio Neme: O Meneghetti foi parar em Passo Fundo. Ficou lá.

Adverso: E foram para a famosa reunião na casa do comandante do III Exército, na Cristóvão Colombo?

Cel Emilio Neme: Sim, eu estava lá.

"Em 1999, por aí, nós estávamos no aeroporto Salgado Filho, e o Brizola botou a mão no meu ombro e disse: "Neme, a minha mão continua no teu ombro, e às vezes te pesa, não é?"

Quando o Jango desceu em Porto Alegre, já estava decidido a ir embora. Inclusive, ele me convidou ainda no aeroporto para ir para o exílio. Fez a reunião e partiu.

Adverso: Faltou ordem do presidente para a resistência?

Cel Emilio Neme: O Jango tinha um baita coração. Fui eu quem o buscou em Montevideu para assumir no parlamentarismo. Eu trouxe ele para minha sala no Palácio, e ali ele fez o manifesto ao povo brasileiro, e não conseguia encerrar o documento, tinha que ser com uma frase de efeito. Aí eu disse: "Presidente: e que as armas não falem". Ele deu um soco na mesa e disse que era isso mesmo, nada de arma, nada de tiro, nem de morte. Eu tinha o dever de dar sugestões a ele, mas não era obrigado a aceitar. Teve alguém que escreveu um livro e colocou esse título (jornalista Paulo Markun). Já, o Brizola, era de assumir o comando da situação. Mas a única opinião que ele acatava era a minha...

Adverso: E o senhor, que era oficial da BM, como ficou?

Cel Emilio Neme: Eu estava requisitado pela presidência da República, e mesmo assim fui preso, quer dizer, fui para a casa da minha irmã, fiz uns telefonemas, e me apresentei ao QG. Achei que seria melhor e, depois, não sabia quanto tempo ficaria no exílio. Durou 15 anos. O Jango veio morto - sem dúvida, mataram ele.

Adverso: E o senhor foi preso e expulso da Brigada Militar...

Cel Emilio Neme: O soldado é

expulso, o oficial, demitido. E fui preso várias vezes a partir de 1º de abril de 1964, no golpe militar. Na minha primeira prisão política, eu era subchefe da Casa Militar do governador Brizola e chefe do escritório político do Jango, no Rio Grande do Sul, e já tinha sido secretário do primeiro-ministro Brochado da Rocha, em Brasília. Eu era o número um, né. Qualquer coisa era 'prende o Neme'. Então, tive que procurar outra maneira de ganhar dinheiro. Comecei a comprar antiquários no Uruguai, durante as visitas que fazia a Brizola no exílio. E montei a loja.

Adverso: Como o senhor conheceu Leonel Brizola?

Cel Emilio Neme: O primeiro contato foi no governo do general Ernesto Dornelles. Brizola era deputado e líder do PTB na Assembleia Legislativa. E assumiu como secretário de Obras. Eu era segundo-tenente e ajudante de ordens do comandante-geral da Brigada Militar. Quando ele assumiu o governo do Estado, recebeu a indicação de meu nome para a Casa Militar. Eu já era capitão.

Adverso: Mas ele nomeou-o subchefe, e não chefe da Casa Militar.

Cel Emilio Neme: Eu nunca fui o chefe porque o Brizola dizia que assim eu não poderia viajar, tinha que ficar no Palácio. E eu era o viajante, o braço direito dele. Se ele queria falar com o Miguel Arraes, eu ia lá em Recife.

Adverso: As comunicações eram péssimas, não é?

Cel Emilio Neme: Pois é. Levava um dia inteiro para conseguir uma ligação telefônica. As empresas americanas dominavam tudo aqui. Mas nós montamos duas centrais de comunicação, uma ficou no Palácio e outra levei para Brasília, quando o Brizola me mandou organizar o governo gaúcho lá e despachar os interesses do Estado com os ministros e com o presidente. E passamos a nos comunicar por código Morse e

pela rádio, que no início não se localizava no Palácio. Ficava em um hotel na Av. Farrapos. Depois, organizei o transporte de documentos através de aviões da Varig. Avisei os políticos de todos os partidos que o serviço de malote da empresa aérea estava à disposição para quem quisesse se comunicar com o governador.

Adverso: Esse foi o motivo dele ter encampado os serviços de telefonia...

Cel Emilio Neme: E de energia elétrica, também, antes mesmo do Fidel Castro tomar qualquer atitude parecida em Cuba. Eu sabia que iria produzir com ele. Por isso, fiquei 46 anos ao seu lado.

Adverso: De onde surgiu tanta confiança?

Cel Emilio Neme: Nos fechamos. Nada do que o Brizola quisesse fazer deixava de passar por mim. Em qualquer cidade em que chegávamos, vinha aquela multidão e ele já dizia que tudo tinha que ser tratado comigo. Sobrava tudo para o Neme. E, depois, quando o Brizola decidiu se candidatar a deputado federal, eu morei cinco meses no Hotel Serrador, na Lapa, no Rio de Janeiro. Ele pouco aparecia por lá, dizia que iria fazer uns 30 mil votos. Eu chegava a fazer discursos no nome dele. Foi eleito com 300 mil votos.

Adverso: O Brizola era muito agitado, nervoso, no dia a dia no Piratini?

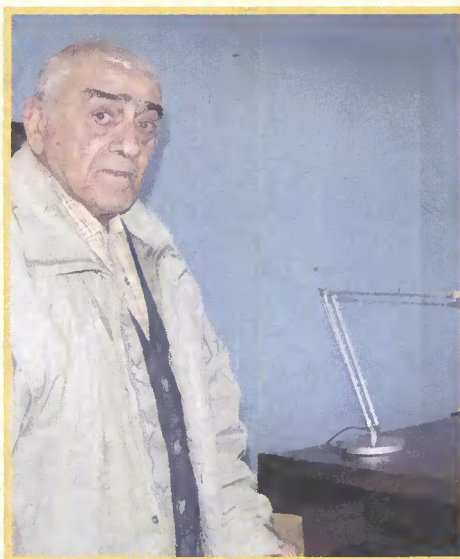
Cel Emilio Neme: Não era nervoso. Ele queria a solução. Não parava enquanto não encontrava a solução. E brigava com quem atrapalhasse o seu caminho.

Adverso: E a relação dele com os jornalistas?

Cel Emilio Neme: Era a melhor possível. Os jornalistas adoravam o Brizola. E, depois, ele conquistou inclusive os jornalistas do Rio de Janeiro. O Lacerda era inimigo.

Adverso: Os jornais diziam que ele madrugava no Palácio...

Cel Emilio Neme: Ele trabalhava no mínimo até às duas da madrugada. Às



“Várias leis foram elaboradas em favor da BM, e eu sempre procurei contribuir. Os inativos do Estado, por exemplo, agora ganham o mesmo dos que estão na ativa”

seis horas estava em pé, tomava banho e já subia. E eu tinha que estar com ele do primeiro minuto da manhã até o último minuto da madrugada. Ele exigia isso. Por volta de 1999, nós estávamos no aeroporto Salgado Filho, e o Brizola botou a mão no meu ombro e disse: “Neme, a minha mão continua no teu ombro, e às vezes te pesa, não é?”

Adverso: Ele morava no Piratini?

Cel Emilio Neme: Ele passou a morar lá depois. Porque era uma loucura eu ter que ir buscar ele em casa às seis da manhã. Acabava incomodando a sua família, era uma situação muito chata. Ele mandou reformar uma sala na sua casa, no Moinhos de Vento, para que pudéssemos conversar, enquanto não saíamos para o Palácio.

Adverso: Seguiu à risca a cartilha do Getúlio?

Cel Emilio Neme: Sim, era Getúlio e depois Brizola. O Getúlio fez a Petrobras, a Eletrobras. O Brizola entrou nessa linha.

Adverso: Depois de tantos serviços prestados à Brigada Militar, o senhor recebeu anistia?

Cel Emilio Neme: Sim. E estou recuperando o que eles me roubaram. Porque de 1991 a 2004, eles pagaram o meu salário com uma defasagem de 30% a 40%. Nenhuma lei pode prejudicar o anistiado político.

Adverso: O Brizola atuou em várias frentes em favor dos brigadianos, foi uma retribuição pelo envolvimento na Legalidade?

Cel Emilio Neme: Várias leis foram elaboradas em favor da Brigada, e eu sempre procurei contribuir. Os inativos do Estado, por exemplo, agora todos ganham o mesmo de quem está na ativa. Um capitão da ativa, naquela época, ganhava mais que um coronel da reserva. Porque ele tinha aumentos e o coronel não. Então elaboramos a Lei Igualitária salarial. Mas antes disso, quando o Brizola era deputado, nós conseguimos seu apoio para aprovar uma mudança no estatuto. A Brigada Militar tinha um problema muito sério nessa época que era o seguinte: não havia uma legislação específica que determinasse o tempo máximo de permanência de um oficial superior na ativa. Então, os postos de baixo, tenentes e capitães, principalmente, ficavam estagnados, acabavam indo para a reserva por já terem atingido 30 anos de serviço. Os maiores, tenentes-coronéis e coronéis seguravam o quadro lá em cima. Então, nós, oficiais, de capitão para baixo, organizamos um estatuto e encaminhamos para a Assembleia, para fazermos com que os velhos fossem embora. O estatuto determinava que o oficial que atingisse 35 anos de serviço, dia-a-dia, seria obrigado a ir para a reserva. Foi um grande progresso para a BM. Aí, desafogou e os quadros rejuvenesceram. ☺



Primeiro bloqueador solar a base de nanotecnologia é desenvolvido pela Ufrgs

Ineditismo do produto, com diversas vantagens sobre os convencionais, pode garantir exportação para outros países

Por Luana Dalzotto



O bloqueador solar desenvolvido nas dependências da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Ufrgs), mais especificamente nos laboratórios da Faculdade de Farmácia (Facfar) e do Instituto de Química (IQ), pode vir a ser a tendência do próximo verão. Isso porque o Photoprot, nome comercial do produto, é o primeiro filtro de proteção solar desenvolvido a base de nanotecnologia.

Entre os benefícios, pode-se citar a facilidade de absorção, o maior tempo de constância do produto na pele, e principalmente o local onde se armazena. "Por ser composto de nanocápsulas, isto é, cápsulas muito diminutas, o Photoprot é o único bloqueador que se coloca facilmente nas entranhas da epiderme, camada da cútis onde o filtro deve agir", explica a professora Adriana Pohlmann, umas das criadoras do produto.

Outro diferencial da emulsão, é que as nanocápsulas, por serem desenvolvidas com polímeros 100% biodegradáveis, contêm os filtros solares orgânicos Avobenzona e Octocrileno, responsáveis pela absorção e reflexão da radiação ultravioleta (UV) A e B. "Tudo isso faz com que o Photoprot seja bem mais eficiente do que um bloqueador convencional", avalia a professora Silvia Guterres, responsável pela inovação ao lado de Adriana.

E os benefícios do uso da nanotecnologia não param por aí. Por ser biodegradável, a Nanophoton, nome comercial da tecnologia, não se acumula na natureza, evitando, assim, o impacto ambiental. Também não possui fragrância, se espalha mais facilmente, formando um filme protetor e aderente e reduz a fotodegradação do filtro solar. Possui, ainda, potentes antioxidantes, como a vitamina E e o óleo de Buriti.

Fator de proteção absoluta

Com fator de proteção solar (FPS) 100 e +++, o Photoprot é indicado para indivíduos de pele muito branca, sensível ou que passaram por algum tipo de procedimento, como a retirada de sinais. "Mas, é claro que outras pessoas, sem essas características, também podem usar", diz Adriana, lembrando

Nanotecnologia é a habilidade de controlar, utilizar e visualizar uma determinada matéria-prima em uma escala nanométrica.

* 1 nanômetro (nm) corresponde a um bilionésimo de metro (átomos e moléculas).

* Em cada nanopartícula do Photoprot, há cerca de 240 nanômetros.



Nanocápsulas

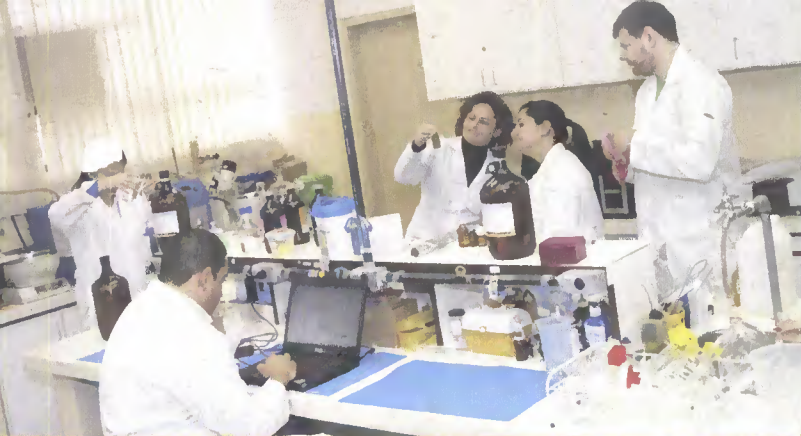
Vantagens da Nanophoton

- Aumenta a permeação do filtro solar na epiderme
- Libera lentamente a emulsão, fazendo com que fique mais tempo na pele
- Facilita o contato das substâncias ativas com a epiderme
- Aumenta a estabilidade química dos ativos frente à radiação UV
- Evita os efeitos sensibilizantes de filtros solares químicos



Alunos do Snaf trabalham no processo dos nanocosméticos

Fotos: Suzana Pires



■ Laboratórios de farmácia (esq.) e de química (dir) da Ufrgs, onde ocorre o processo de desenvolvimento do novo filtro solar Photoprot

que no Brasil, região com alta incidência de raios ultravioletas, o uso de FPS maiores que 30 são frequentes.

O FPS expressa a capacidade do produto de proteger a pele contra os raios UVB, associados ao surgimento de melanoma, o mais grave entre os tipos de câncer de pele. No caso do Photoprot, a penetração dessa radiação é evitada 100 vezes. Mas, Silvia alerta que “é imprescindível aplicar o produto conforme prescreve a bula”, já que o FPS não está relacionado com o tempo de exposição ao sol. Esse também é um dos argumentos usados pela professora Adriana para rebater estudos que afirmam não ser necessária a prescrição de fatores acima de 30. “Testes preconizados pela Anvisa comprovam que quanto mais alto o FPS menor risco de exposição aos raios nocivos”, afirma.

Já a proteção denominada +++ refere-se aos raios UVA e, apesar dos testes relacionados a essa radiação ainda não serem oficiais no Brasil, os três sinais positivos garantem que trata-se de proteção máxima. Ao contrário do UVB, que possui maior incidência nos dias quentes de sol, os raios UVA são constantes durante o ano todo, inclusive em dias chuvosos. Além do câncer de pele, a radiação UVA é responsável pelas manchas e rugas.

Fechamento de um ciclo

A demanda de produção do Photoprot veio da indústria Biolab Sanus Farmacêutica e a escolha pela Ufrgs ocorreu graças ao pioneirismo do Grupo de Pesquisa Sistemas Nanoestruturados para Administração de Fármacos (Snaf) da Universidade.

Lançado em novembro do ano passado, “o Photoprot é o primeiro fruto da parceria Snaf-Ufrgs com uma empresa, que chega ao mercado”, comemora Silvia.

Para ela, o resultado demonstra a importância da união universidade-empresa. “Muitos projetos são abortados no meio do caminho. Ou porque não funcionaram, ou porque as firmas não têm mais interesse”, lembra Silvia ressaltando, ainda, o papel das partes envolvidas: “A academia inicia a etapa, por meio das pesquisas e do desenvolvimento de novas tecnologias, e as empresas encerram através do aumento da escala de produção, tornando o produto acessível à sociedade”.

Na visão de Adriana, o desenvolvimento da Nanophoton possibilitou que a Ufrgs cumprisse seu papel como Universidade, “de gerar conhecimento”, completa. “É a sociedade quem mais vai ganhar com esse processo, pois, colocamos à disposição de todos um bloqueador solar novo, que não existia em nenhum lugar do mundo”, enfatiza.

Além da conquista intelectual e social, tem o ganho econômico, uma vez que a Ufrgs, por meio de royalties, já está

Em razão da alta incidência da radiação ultravioleta, os tumores malignos de pele são os mais comuns no Brasil e correspondem a 25% do total registrado. E, é a Região Sul que apresenta o maior índice desse tipo de câncer, podendo atingir a 82% dos casos.

sendo beneficiada com a comercialização do Photoprot. Além disso, por ser o primeiro filtro solar desenvolvido à base da nanotecnologia, há grandes chances de outros países se interessarem pela inovação. “Se assim for, o Brasil ganhará com a exportação”, torce Adriana.

O pioneirismo do Snaf fez com que o processo de produção do bloqueador fosse executado com excelência. “Conseguimos criá-lo em cima da premissa que se tinha”, afirma Silvia. No total, do desenvolvimento da tecnologia até o lançamento do Photoprot, foram quatro anos.

E, ao que tudo indica, outros fatores de filtro solares devem ser lançados pela Biolab. “O projeto envolveu outros produtos que ainda estão em sigilo. O Photoprot fator 100 é apenas o primeiro filtro solar do laboratório”, revela Adriana. ☺

Investimentos

O desenvolvimento do Photoprot exigiu investimentos de R\$ 500 mil. Deste aporte, R\$ 350 mil vieram da Financiadora de Estudos e Projetos (Finep), vinculada ao Ministério da Ciência e Tecnologia. O restante foi injetado pela Biolab.



■ Grupo de alunos do Snaf e a professora Adriana Pohlmann (dir)



■ Professora Sílvia Guterres é uma das coordenadoras do projeto

América Latina discute as bases para uma nova agenda sindical

Encontro realizado na Argentina promoveu intercâmbio de ideias entre entidades representativas de docentes de universidades de nove países da região

Por **Maurício Boff**, de Buenos Aires



Fotos: Maurício Boff

Carlos Alberto De Feo, secretário geral do Conadu (esq), Combertty Rodríguez García, coordenador regional principal da Internacional da Educação para América Latina (IEAL), e Yamile Socolovsky, coordenadora geral do Instituto de Estudos e Capacitação (IEC) trocaram ideias com representantes de sindicatos de docentes de nove países da região

A busca por uma solução para as dificuldades enfrentadas pelo setor de educação superior pública nos países latino-americanos levou entidades representativas de docentes de nove países diferentes a dialogarem sobre o problema, entre os dias 15 e 16 de julho, em Buenos Aires. A II Reunião Latino-americana de Organizações Sindicais do Ensino Superior iniciou um ciclo de ação coletiva, em que pretende levar ao pé da letra o bordão “a união faz a força”, e que muitos preferem chamar como a “nova agenda”. O primeiro encontro do gênero aconteceu em 2009.

O recente intercâmbio de ideias ocorreu na sede da Federação Nacional de Professores Universitários (Conadu), e foi organizado pela Internacional da Educação para a América Latina (IEAL). O objetivo era promover o desenvolvimento de uma integração entre as entidades sindicais de docentes das universidades da região. A IEAL pretende intensificar sua representatividade entre os sindicatos de professores do ensino superior. Muitas entidades que estiveram presentes na reunião, como a Adufrgs-Sindical e o Proifes, participaram como convidados. “A união de todos os sindicatos da América Latina é o motivo pelo qual se faz necessário projetar um marco regional”, defendeu Yamile Socolovsky, coordenadora geral do Instituto de Estudos e Capacitação do Conadu.

A diretora do Escritório da Comissão Econômica das Nações Unidas para a América Latina e o Caribe (Cepal), em Washington, Inés Bustillo, afirmou recentemente que “a miséria na América Latina segue sendo extremamente alta: 40% da população vive em condição de pobreza e desses, 16% vive na indigência”. As lideranças sindicais envolvidas no debate na

Argentina sabem que os problemas sociais são um entrave profundo na adequação de uma agenda comum – e que refletem em diversos setores da vida social, como na educação – mas também acreditam no diálogo coletivo para resolver dificuldades que se assemelham.

O conceito de nova agenda para os docentes latino-americanos passa pela construção de uma estratégia político-sindical a partir da perspectiva de diferentes organizações do ensino superior. Na reunião de julho, iniciou-se o trabalho de reunir depoimentos sobre as realidades parecidas e as diferenças entre as instituições públicas dos países distintos, a fim de diagnosticar quais são as principais dificuldades. O relatório regional produzido será levado ao encontro mundial da IEAL, que acontece em setembro, em Vancouver (Canadá), e também servirá de guia para as reivindicações dos docentes na América Latina.

Entre os diversos assuntos que preocupam, o coro comum entre as lideranças sindicais é o apontamento da privatização de escolas e de universidades; a piora da qualidade do serviço público; a – cada vez mais – constante presença de empresas educacionais transnacionais na região; as condições de trabalho insuficientes para o bom desempenho da docência, principalmente a partir da redução dos investimentos com ensino e pesquisa; a integração regional; a fuga de cientistas para instituições que lhes ofereçam uma maior capacidade para o desenvolvimento da pesquisa; a falta de apoio para a implementação de uma política consistente para a manutenção qualitativa das universidades públicas, e a necessidade de que estas instituições sejam de acesso a todos.

Mais pobres têm dificuldade para ingressar no ensino público

Representantes dos sindicatos do ensino superior de universidades da Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, México, Nicarágua, Peru, República Dominicana e Uruguai participaram da reunião. Além da Adufrgs-Sindical, a delegação brasileira foi representada por lideranças da Confederação Nacional dos Trabalhadores em Estabelecimento de Ensino (Contee), da Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE) e do Fórum de Professores das Instituições Federais de Ensino Superior (Proifes).

Os brasileiros levaram um relato do que acontece no País e reafirmaram convicções de que uma universidade pública e de qualidade precisa ser gratuita. O vice-presidente do Proifes, Eduardo Rolim de Oliveira, ressaltou que é fundamental a regulação do setor privado, a busca pelo financiamento público onde isso ainda não existe e a busca por um "mais profundo" desenvolvimento da ciência e da tecnologia. Oliveira acredita que uma das principais vitórias do encontro foi o diagnóstico das distintas realidades, e o consequente intercâmbio de ação sindical entre as lideranças. "O Brasil é um país muito maior, do ponto de vista de mercado e de salário, onde o professor no topo da carreira ganha em torno de US\$ 8 mil", afirmou durante o evento. Em países como a Argentina, por exemplo, o teto fica entre US\$ 5 mil e US\$ 6 mil.

O presidente do Proifes, Gil Vicente Reis de Figueiredo, apresentou dados que indicam a necessidade de se pensar um plano estratégico não apenas no Brasil, mas em todos os países regionais. Segundo ele, qualquer mudança no ensino superior só será sentida se os ensinamentos fundamental, médio e técnico também sofrerem alterações positivas. Ele citou a realidade brasileira: nove a cada dez jovens de 18 a 24 anos da pequena parcela que chega à universidade são das famílias 90% mais ricas, e apenas 3% são das famílias 20% mais pobres. "Isso nos leva a concluir que 97% dos estudantes das famílias 20% mais pobres têm, no máximo, um diploma de ensino médio", apontou Gil. O presidente do Proifes contou, ainda, que esse mesmo aluno que não conseguiu ingressar no sistema público pode ser tentado pela oferta da universidade privada, que oferece um diploma que o mercado futuramente irá recompensar pagando um salário duas vezes maior do que ganharia tendo apenas com o ensino médio. "Ou olhamos o conjunto da solução e os problemas das diferentes camadas sociais e educacionais, ou continuaremos dando espaço para a ação das transacionais da educação", ressaltou.

Privatização das universidades a serviço de interesses particulares

O processo de privatização varia para cada país latino-americano. De um lado, ela avança à medida que o setor público é desatendido pelo Estado e, também, pela facilidade que o setor privado encontra para se desenvolver. A coordenadora geral do Instituto de Estudos e Capacitação



Entre os integrantes da delegação brasileira (posando para foto, junto ao banner do evento), o vice-presidente do Proifes, Eduardo Rolim de Oliveira (de óculos, à esq) destacou que o Brasil, apesar de ser um dos mercados da educação mais privatizados da América Latina, investe fortemente no setor do ensino público superior

do Conadu afirmou que essa mercantilização do sistema público tem início quando a universidade começa a atuar em função de interesses particulares. "As universidades seguem públicas e mantêm as características de abertura, mas, como é o caso da Argentina, de ingresso gratuito e livre, elas sofrem a privatização porque a pesquisa é orientada para interesses particulares", ressaltou Yamile.

A instituição de ensino superior passa a perder autonomia já no seu interior. Yamile lembrou que na década de 90 se reduziu o financiamento público, e a universidade passou a buscar parcerias, através de venda de serviços para empresas e de captação de recursos fora da esfera estatal. "São mecanismos de vinculação que orientam o trabalho que se faz nas instituições de ensino público superior e muitas vezes não capturam o esforço despendido pela universidade, mas dos grupos que estão financiando", ressaltou.

Rolim afirmou que "fica muito claro que os mercados tendem a fazer as coisas acontecerem". Diferente da Argentina, o vice-presidente do Proifes aposta em um momento de desprivatização no Brasil. "Não pelo travamento da existência de mercado privado, mas através de um crescimento do setor público", destacou. "É impressionante que o Brasil seja um dos mercados de educação mais privatizados na América Latina, e ao mesmo tempo se veja um forte investimento público no setor universitário", concluiu.

Integração regional das instituições é uma das metas da nova agenda

"Eu acredito que necessitamos de uma educação com possibilidade de criar usinas de pensamentos a fim de combater a lógica hegemônica. Ainda não sabemos qual é o ponto de chegada, mas vivemos em um mundo em que ➤



O encontro reuniu dezenas de representantes de entidades sindicais da América Latina, entre eles Gil Vicente Reis de Figueiredo, presidente do Proifes (esq), Claudio Suasnabar, coordenador do Observatório Sindical de Políticas Universitárias do Conadu (centro), Fátima da Silva, vice-presidente do Comitê Regional da Internacional da Educação para América Latina (IEAL), e Carlos Alberto De Feo, secretário geral do Conadu (dir)

precisamos inventar uma via de saída popular. Esta ação deverá ser baseada na cooperação, na distribuição de riquezas, na defesa dos direitos humanos, na força de quem vem do campo e na classe trabalhadora". As palavras de Combertty Rodríguez García, coordenador regional principal da Internacional da Educação para América Latina, sintetizam elementos para o futuro da integração regional em instituições latino-americanas de ensino público.

A cooperação internacional no campo da pesquisa e intercâmbio é uma realidade antiga entre as instituições acadêmicas da região. Países como Argentina, Brasil, Chile, Uruguai e México possuem políticas sólidas para o incentivo à investigação. Porém, as diferenças são notáveis. "O Brasil fez uma opção estratégica ao criar o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) depois da II Guerra Mundial e, hoje, forma mais de dez mil doutores por ano em mais de 100 universidades públicas", apontou Rolim. A agência de fomento exerce um trabalho de sistematização do apoio à pesquisa científica e tecnológica. A produção científica brasileira está entre as 15 de maior volume no mundo, e representa cerca de 2% da produção mundial, de acordo com a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC).

Yamile Socolovsky defendeu que a união entre os países é necessária para acompanhar o processo de integração política na região, o que permite que a América Latina tenha uma maior autonomia relativa em relação aos países centrais. "Mas o modelo que temos que construir precisa ser baseado em nossas próprias experiências, não devemos copiar o que já foi feito", alertou. Em linhas gerais, segundo ela, os processos de integração ajudam a fortalecer a educação pública, geram condições de autonomia, minimizam os efeitos do mercado transnacional e estimulam, inclusive, o desenvolvimento dos países em situações menos favorecidas. "Precisamos pensar a união em princípios de solidariedade e cooperação, e não apenas no merca-

do e em quem vai ganhar mais", apontou Yamile.

Adufrgs-Sindical está inserida na nova agenda

De acordo com José Carlos Freitas Lemos, 1º vice-presidente da Adufrgs-Sindical, a participação no evento promovido na Argentina teve uma importância estratégica para a Entidade. "Enquanto sindicato das instituições federais de ensino superior de Porto Alegre, não poderíamos

deixar de visualizar este cenário, nem de inserirmos a entidade em uma rede e em um movimento de articulação entre os sindicatos de docentes do ensino superior da América Latina e do mundo", avalia Lemos destacando que a Internacional de Educação é uma organização mundial que agrupa quase 300 sindicatos de aproximadamente 150 países diferentes da Europa, das Américas, África e Ásia.

De acordo com o 1º vice-presidente da Adufrgs-Sindical, a ação coletiva internacional é um processo novo na luta sindical.

"Somos acostumados a olhar para os nossos problemas dentro do Brasil - para as questões da Capital e do Rio Grande do Sul e para as questões de âmbito nacional. Esta consciência de uma inserção no cenário latino-americano e global é nova", comenta. Lemos acredita que os sindicatos têm se constituído em instrumentos políticos de conscientização e de pressão contra os programas neoliberais. "Nesse sentido, eles se constituem em forças localizadas nos diferentes países que auxiliam em avanços nas construções de Estados e de suas orientações".

Ele diz que a meta e agenda da IEAL podem ser resumidas no diagnóstico dos problemas comuns dos sistemas de ensino superior na América Latina e de êxitos de algumas organizações sindicais nacionais na defesa dos Direitos Humanos, da paz, da democracia, da justiça social, da defesa da educação para todos e da promoção dos princípios da Organização Mundial do Trabalho. "Tudo isso, para que se torne possível a superação dos programas políticos neoliberais implementados durante a década de 90. Este tipo de conhecimento é fundamental também para a Adufrgs. Nós devemos participar", finaliza.



Globalização: breve reflexão crítica

Por Plauto Faraco de Azevedo*

*Doutor em Direito pela Universidade Católica de Louvain, professor aposentado da Faculdade de Direito da Ufrgs e professor da Faculdade de Direito da Escola Superior do Ministério Público

Trata-se de uma palavra em voga, repetida mundialmente, sem que se explicitie em que consiste, sem que se aprofunde a compreensão de suas características. O que se pode dizer, desde logo, é que a globalização é como que uma grande teia que se estende a todo o globo terrestre, a tudo e a todos abrangendo e englobando.

Desta interligação, resultam contatos que produzem choques inevitáveis, dadas as diferenças de culturas e civilizações existentes, que, durante muito tempo, desenvolveram-se isoladamente, aceitando relações inevitáveis, mas resguardando cada uma suas características essenciais, seu modo de vida peculiar.

Já antes da globalização, Alexander Soljenitsyne, ao receber o prêmio Nobel de Literatura, em 1972, observava que, nas décadas anteriores a 1970, o gênero humano havia-se transformado “em uma única entidade”, na medida em que a vida extrapolava as fronteiras dos Estados. Pouco a pouco, as divergências entre as diferentes concepções e valores sociais, antes simples curiosidades surpreendidas pelos viajantes, foram-se evidenciando. Observava este escritor que os choques e as perturbações de uma das partes transmitem-se imediatamente às outras, destruindo, por vezes, uma imunidade necessária – uma avalanche de acontecimentos abate-se sobre nós e, em segundos, meio mundo é informado do sucedido. Mas as escalas valorativas, segundo as quais tais acontecimentos são inteligíveis, não são transmissíveis pelos meios de comunicação, porque “amadureceram e foram assimilados durante muitos anos, em condições peculiares, nas várias sociedades”.

A globalização, sob o comando de interesses poderosos, com penetração decisiva na mídia por eles dominada, procurou resolver com tratamento de choque o problema apontado por Soljenitsyne, tratando de tudo nivelar no menor lapso de tempo – as discordâncias e as diferenças tantas vezes essenciais e constitutivas da diversidade e riqueza da humanidade.

O multiculturalismo, até então louvado pelos antropólogos adeptos do relativismo cultural que se esmerava em enfatizar o valor de cada cultura, passou a ser um entrave ao novo traçado do mundo globalizado, sendo substituído pela arrogância cultural dos interesses dominantes. Para que isto fosse possível, estabeleceu-se o primado incontestável da economia sobre a política. A política, no sentido aristotélico, como lugar de discussão e decisão dos grandes problemas sociais, como centro das opções por que se pautam as comunidades humanas, foi estrangida a encolher-se, tornando-se caixa de ressonância dos interesses econômico-financeiros dominantes.

A economia, armada de linguajar hermético, de gráficos, de equações matemáticas tomou-lhe o lugar. Suas receitas passaram à categoria de verdades autoevidentes, dogmaticamente difundidas e repetidas à exaustão. O homo politicus esvaneceu-se, cedendo lugar ao homo economicus, estimulado ao consumo de tudo o que possa ser vendido ou

trocado, desconsiderando-se os danos ocasionados ao ambiente. Nesta visão de mundo, poucos passaram a consumir irrefreavelmente, enquanto a maioria das pessoas foi condenada ao subconsumo, prometendo-se-lhe a abundância quando o mundo se tornasse “plano” com a realização cabal da globalização.

Neste quadro, os indivíduos foram progressivamente isolados uns dos outros, transformados em consumidores insaciáveis, para o que o crédito foi alargado até a irresponsabilidade. Esta atitude terminaria por levar à crise financeira sistêmica, que se esboçou a partir de agosto de 2007 e se evidenciou em 2008. O Estado demonizado foi, então, chamado às pressas a socorrer com alguns trilhões de dólares os responsáveis pela grande farra da globalização financeira isenta de qualquer controle legal. É indispensável lembrar que nunca houve nem uma ínfima parcela desses trilhões de dólares para socorrer os necessitados, para diminuir-lhes a miserabilidade, que só fez crescer nestes tempos de globalização.

Esta breves reflexões indicam que, querendo-se compreender a globalização, tem-se que ter em mente que se trata de um fenômeno complexo, cujas diversas perspectivas têm que ser consideradas conjuntamente para apreender-se seu significado presente e suas potencialidades futuras.

Trata-se de unir os múltiplos aspectos que a compõem, ao invés de separá-los artificialmente, para só abordar seu aspecto econômico-financeiro, sob uma perspectiva economicista excludente de todas as outras.

Ao contrário, deve-se seguir o caminho apontado por Edgar Morin – o “pensamento complexo” capaz de reunir os saberes separados, isto é, aquilo que é tecido junto, contrariando a orientação ainda prevalente, que nos leva a compartimentar diferentes aspectos do conhecimento, deixando de integrá-los no todo de que fazem parte. Os problemas fundamentais são não só globais como complexos: “Tudo se encontra tecido junto. Os maiores desafios da vida e da morte são, hoje, planetários”.

É indispensável “uma reforma do pensamento. A incapacidade de pensar em conjunto os problemas locais e os problemas globais constitui o aspecto intelectual da tragédia da nossa época... Não nos serve nem um pensamento parcelar, ou reducionista, incapaz de ver o contexto e a globalidade, nem um pensamento global e oco. Precisamos de um pensamento que considere as partes na sua relação com o todo e o todo nas suas relações com as partes.” É necessário “pensar a crise mundial, pensar uma política de humanidade – ou antropológica –, pensar a nossa crise de civilização, pensar uma política de civilização”.

Os problemas postos pela globalização conduzem à necessidade de repensar as relações do homem com a ciência (e com suas projeções tecnológicas), com o direito, com a economia e com o poder. ☞

Bibliografia:

SOLJENITSYNE, Alexandre. “Le cri, Le discours du prix Nobel”. L'Express, Paris, 1104, 66-73, sept. 1972.

² Ver, por exemplo: BENEDICT, Ruth. Patterns of culture. New York: The New American Library, 1946; HERSKOVITS, Melville J., Antropologia cultural (Men and his Works, The Science of Cultural Anthropology). São Paulo: Mestre Jou, 1963. Trad. da 8ª. Ed. inglesa; AZEVEDO, Plauto Faraco de. Limites e justificação do poder do Estado. Petrópolis: Vozes, 1979. p. 56-84.

³ ZERO HORA, 05 set. 1998. Caderno Cultura, p. 4.

⁴ MORIN, Edgar. Em busca dos fundamentos perdidos. In: NAÏR, Sami; MORIN, Edgar. Uma política de civilização. Lisboa: Instituto Piaget, 1997. p. 25-26. Original francês. (Trad. Armando Pereira da Silva – Une de civilization).

Governo disponibiliza PL da Carreira para avaliação dos docentes

Pressionado, o governo decidiu entregar uma cópia do Projeto de Lei que trata da reestruturação da Carreira do Magistério Superior aos docentes, para que possam avaliar e sugerir alterações. O documento foi entregue no dia 21 de julho, pelo o secretário de Recursos Humanos do Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão (MPOG), Duvanier Paiva Ferreira, após reunião entre representantes dos professores e Ministério. O secretário informou que o Governo pode enviar o PL ao Congresso Nacional após as eleições presidenciais, como uma medida complementar ao pacote da autonomia assinado pelo presidente Lula, se forem observados certos parâmetros.

A decisão de entregar uma cópia do PL para os docentes foi tomada depois da reunião do dia 8 de julho entre professores e MPOG. Antes, o governo havia anunciado que não enviaria mais ao Congresso os projetos de lei que tratam de reformulações nas carreiras dos servidores públicos federais, devido às reivindicações que excedem aos recursos orçamentários. A pressão fez com que as negociações fossem retomadas na prática.

Na reunião do dia 21 de julho, Ferreira afirmou que o governo considera as discussões sobre as campanhas salariais dos servidores encerradas, já que a negociação foi para os anos de 2008, 2009 e 2010. Após esclarecer que alguns aspectos do PL sobre a Carreira Docente ainda estão sendo estudados, frisou que a margem para alterações é pequena e que a eventual repercussão financeira deverá ficar limitada à margem do crescimento vegetativo da folha

de pessoal de um ano para outro. "Temos que respeitar a questão ética perante o próximo governo", justificou.

Sobre o PL, o secretário informou que propõe a criação de uma nova classe, a de Professor Sênior, cujo último nível seria equivalente ao da classe do Professor Titular, mas que ainda não tem os critérios de acesso definidos. "A ideia é que essa classe seja acessada no futuro, para garantir que não tenha impactos imediatos no orçamento. Além disso, o ingresso passará a ocorrer somente no início da carreira", disse. Segundo ele, o PL cria duas novas remunerações para os docentes: as gratificações para coordenadores de cursos e de preceptorias para professores que atuam nos hospitais universitários.

Em relação à questão dos aposentados, Ferreira afirmou que o debate precisa ser feito à luz da realidade. "É preciso afastar essa ideia de que o docente que se aposentou continua na carreira". No Brasil o impacto da previdência pública é maior que o da previdência privada, como ocorreu em outros países, que por isso tomaram medidas restritivas em relação aos servidores aposentados. Uma nova reunião para debater o PL está agendada para o dia 24 de agosto.

Participaram do encontro pelo Proifes, os professores Gil Vicente Reis de Figueiredo (presidente), Eliane Leão (diretora administrativa), Maria Luiza Ambros von Holleben (Comissão de Carreira do Proifes e 2ª vice-presidente da Adufrgs-Sindical) e Vilmar Locatelli (advogado do Proifes). ▀





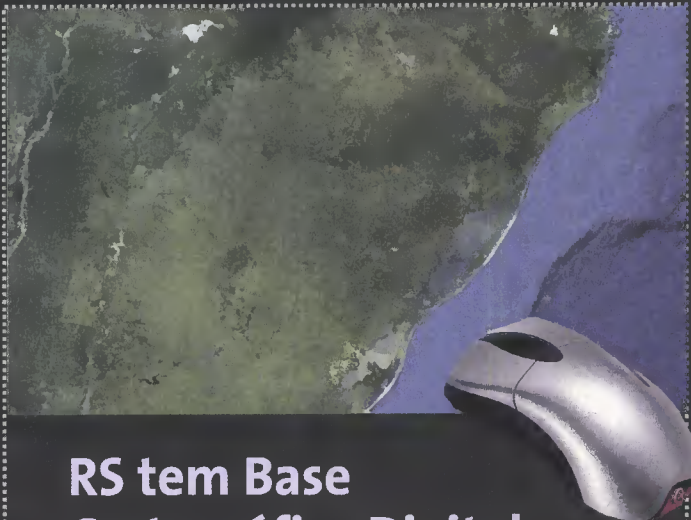
Ufrgs é a terceira melhor universidade pública do Brasil

A Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Ufrgs) foi considerada a melhor Instituição Federal de Ensino Superior do Brasil e a terceira no ranking das melhores universidades públicas, ficando atrás apenas da Universidade de São Paulo (USP) e da Universidade Estadual Paulista (Unesp). O resultado foi obtido por meio da pesquisa realizada para a 5ª edição do Guia do Estudante, da Editora Abril, que em 2009 avaliou 9.371 cursos.

Com base em entrevistas feitas com profissionais e especialistas de cada área, o Guia elege e premia as 20 melhores universidades públicas e privadas do País. A classificação completa pode ser conferida através do link:

<http://guiadoestudante.abril.com.br/vestibular/noticias/veja-20-melhores-universidades-publicas-privadas-brasil-574573.shtml>

Fonte: site Ufrgs



RS tem Base Cartográfica Digital

O Centro de Ecologia, do Instituto de Biociências da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Ufrgs), é responsável pela primeira Base Cartográfica Vetorial Contínua Digital do Estado. Fruto do projeto de Extensão do Laboratório de Geoprocessamento, o material foi desenvolvido em parceria com outras instituições, entre elas a Emater/RS-Ascar. Cerca de 70 pessoas, entre professores, pesquisadores, técnicos e estudantes, estiveram envolvidas com a estruturação da base cartográfica digital. Ao final de 10 anos, foram digitalizadas 462 folhas impressas em escala 1:50.000.

O material será disponibilizado à sociedade na forma de um DVD, acompanhado de um livreto com as características técnicas dos dados e dos arquivos vetoriais da publicação, que contém dados relevantes para a gestão territorial e ambiental do Estado. A distribuição será feita através da livraria virtual da Universidade.

Fonte: site Ufrgs

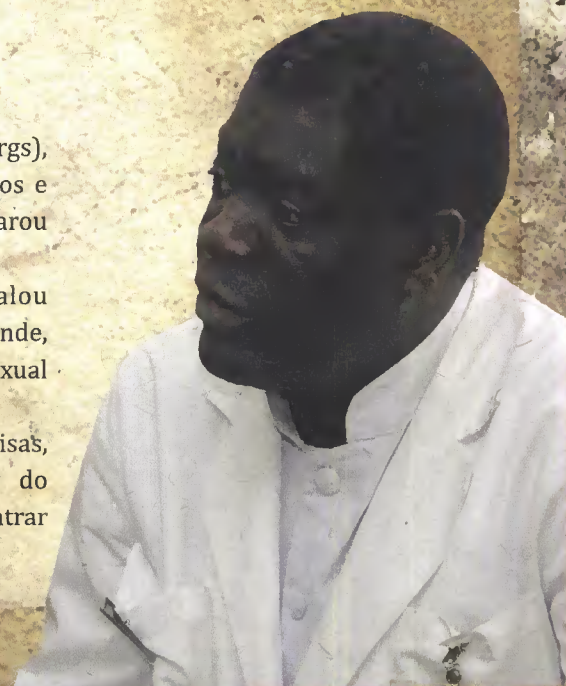
Pesquisas acadêmicas podem ajudar no combate a violência sexual

Em recente palestra realizada na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Ufrgs), Denis Mukwege, autoridade mundial em reparação interna de genitais femininos e médico especialista no atendimento a mulheres vítimas de violência sexual, declarou que as universidades podem entrar na luta contra o abuso sexual.

Comum nas regiões africanas devastadas pela guerra, Mukwege falou principalmente sobre a violenta situação vivida na República do Congo, onde, atualmente, dirige o Hospital de Panzi. Segundo o médico, no Congo, a violência sexual existe muito mais por motivos políticos, e acarreta deficiências físicas e psíquicas.

Para ele, a colaboração das instituições de ensino pode vir em forma de pesquisas, especialmente no campo da antropologia. Entender e conhecer as causas do comportamento de pessoas que praticam abuso sexual é essencial para encontrar respostas e soluções para esses desvios.

Fonte: site Ufrgs



Site da Cepal

<http://www.eclac.cl>

Através deste site, você encontrará informações sobre oportunidades de emprego em missões de paz, bem como a sede e outros escritórios do Sistema das Nações Unidas, que inclui a Comissão Econômica das Nações Unidas para a América Latina e o Caribe (Cepal). Outras informações, como a História da Comissão, a descrição de sua missão, a relação dos estados-membros, programas de trabalho, conferências, informações sobre reuniões regionais, a evolução das idéias da Cepal, e listas de feriados oficiais e comunidades de trabalho também estão disponíveis.



SBPC on line

<http://www.sbpnet.org.br>

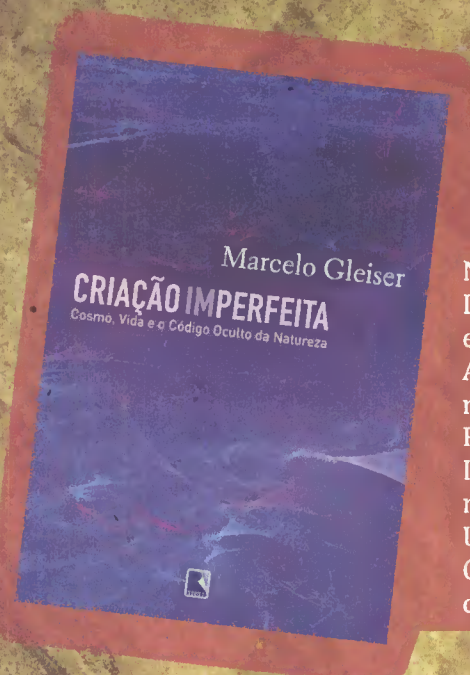
A Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) é uma entidade civil, sem fins lucrativos nem cor político-partidária, voltada para a defesa do avanço científico e tecnológico, e do desenvolvimento educacional e cultural do Brasil. Desde sua fundação, em 1948, a entidade exerce um papel importante na expansão e no aperfeiçoamento do sistema nacional de ciência e tecnologia, bem como na difusão e popularização da ciência no País.

Sobre a Contee

<http://www.contee.org.br>

A Confederação Nacional dos Trabalhadores em Estabelecimento de Ensino articula suas bandeiras com o movimento docente, com os técnico-administrativos, e também com a sociedade, desde a luta por uma Constituinte Democrática, por meio dos sindicatos e federações que depois fundariam a Confederação. Neste site você pode encontrar tudo sobre a entidade, que representa os sindicatos dos professores e técnico-administrativos da educação privada de todo o País, do ensino infantil ao superior. São 68 sindicatos e seis federações filiados, envolvendo mais de 500 mil trabalhadores da educação.





Criação Imperfeita

Autor: Marcelo Gleiser

Editora: Record

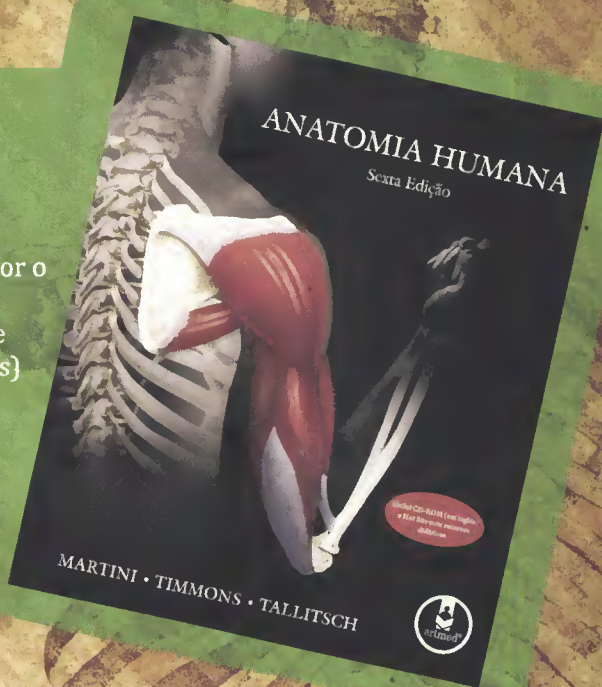
Neste livro, Marcelo Gleiser, professor de física e astronomia no Dartmouth College, em New Hampshire, desmonta um mito da ciência e da filosofia ocidentais: de que a Natureza é regida pela perfeição. Além disso, o autor contesta o discurso dos ateístas radicais, mostrando que a ciência não prova a inexistência de Deus. Nascido no Rio de Janeiro, em 1959, Gleiser fez doutorado no King's College, na Inglaterra. Foi pesquisador do Fermi National Accelerator Laboratory, nos arredores de Chicago, e do Institute for Theoretical Physics, na Universidade da Califórnia. Atualmente, além de atuar como professor, Gleiser integra o grupo de pesquisa da National Science Foundation, da Nasa e da Otan.

Anatomia Humana

Autores: Frederic Martini, Robert Tallitsch e Michael Timmons

Editora: Artmed

O texto foi especialmente pensado para proporcionar ao leitor o melhor recurso didático para ensino e aprendizagem da anatomia humana. A obra traz a sexta edição do livro-texto e mais um atlas do corpo humano, além do CD-Rom (em inglês) Practical Anatomy Lab. O livro destaca-se pelo texto extremamente educativo e pela riqueza de detalhes.



Emergências Clínicas

Abordagem Prática

DISCIPLINA DE EMERGÊNCIAS CLÍNICAS
HOSPITAL DAS CLÍNICAS DA FMUSP

Herlon Saraiva Martins
Rodrigo Antônio Brandão Neto
Augusto Scalabrini Neto
Irineu Tadeu Velasco

www.livrodeemergenciasclinicas.com.br

5ª EDIÇÃO
AMPLIADA E REVISADA
INCLUI 111 E NOVOS CAPÍTULOS

Emergências Clínicas

Autores: Herlon Saraiva Martins, Irineu Tadeu Velasco, Augusto Scalabrini Neto e Rodrigo Antônio Brandão Neto

Editora: Manole

A quinta edição do livro Emergências Clínicas – Abordagem Prática, referência em inúmeros hospitais e faculdades de Medicina do Brasil, apresenta, em 74 capítulos divididos em cinco seções, sugestões para o tratamento inicial do paciente em estado grave, assim como sinais e sintomas de síndromes e como iniciar o atendimento de casos em emergências.

Esporte e História na Rádio da Universidade

Programa Narrativas do Esporte comemora os 70 anos da Esef, a primeira Faculdade de Educação Física do Rio Grande do Sul

por **Luana Dalzotto**

Um encontro inusitado é promovido semanalmente pela Rádio da Universidade através do programa Narrativas do Esporte. Além de unir história e esporte - duas áreas que, cotidianamente, não têm muita relação - a programação contempla os ouvintes com relatos da vida de pessoas comuns, como dona Maria de Lourdes Fonseca, aluna da primeira turma da Escola de Educação Física (Esef) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Ufrgs).

A ideia surgiu na disciplina História do Esporte e da Educação Física, ministrada pela professora Janice Mazo, no Programa de Pós-Graduação da Escola. "No final da disciplina, proponho aos estudantes a execução de projetos mais concretos. Foi quando a aluna Ivone Job sugeriu a realização do programa", conta a professora.

Produzido pela Esef em parceria com a Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação Social (Fabico), Narrativas do Esporte estreou no início de julho deste ano e, desde então, tem sido um sucesso. O programa vai ao ar todos os sábados, a partir das 13h30min.

O Núcleo de Estudos e Memória do Esporte e da Educa-

ção Física, criado por Janice, é peça fundamental para a produção do projeto, pois é dali que são escolhidos os convidados. "Normalmente são ex-atletas, ex-dirigentes e ex-professores que têm muito para contar", afirma a professora. Alunos da Esef também participam do Narrativas, que é comandado pela apresentadora Patrícia Valente.

Criado oficialmente em 2005, o Núcleo é formado por alunos de graduação, mestrado e doutorado que realizam pesquisas a fim de resgatar e preservar a história da Educação Física e do Esporte no Estado. Ligado diretamente ao Centro de Memória do Esporte (Ceme), o grupo também arrecada fotos, objetos e documentos de ex-professores e ex-atletas que são destinados ao acervo da Faculdade. "A maioria do material do Ceme foi adquirido por meio das pesquisas realizadas pelo Núcleo", alega-se a professora.

Para Janice, a grandeza do trabalho está no resgate da auto-estima dessas pessoas, que fazem parte da história do esporte gaúcho e, muitas vezes, estão esquecidas. "Já fiz entrevistas que não acrescentaram informações, mas foram ricas em lembranças e sentimentos", relata.



Fotos: Suzana Pires

Alunos integrantes do Núcleo de Estudos e Memória do Esporte e da Educação Física

Largada na frente

Pioneira na formação de profissionais de Educação Física no Rio Grande do Sul, a Esef completou 70 anos em maio. Inicialmente estadual, a Escola só foi vinculada à Ufrgs na década de 60, durante a Reforma Universitária. O primeiro diretor foi o Capitão Olavo Amaro da Silveira e, assim como a diretoria, o quadro de professores era composto por militares, além de treinadores, ex-atletas e médicos. Atualmente, o Programa de Pós-Graduação, que surgiu em 1989, é um dos destaques da Esef e está entre os cursos mais bem conceituados do País.



Professora Janice Mazo: "É necessário preparar, além de atletas, cidadãos"

Historiadora do Esporte

O rumo profissional tomado por Janice não foi por acaso. "Sempre tive uma queda pela História, tanto que já fiz alguns cursos na área", confessa a professora. Além de gostar da disciplina, ela ressalta que a união entre história e esporte é importante "porque, infelizmente, não temos o hábito de preservar o passado desportivo. É muito difícil conseguir material impresso sobre atletas mais antigos", lamenta.

Justamente por isso, Janice trabalha também com a oralidade. O know-now nessa área foi conquistado durante uma pesquisa realizada em conjunto com a Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica no Estado (PUC/RS). "Nessa época, aprendi explorar a questão da memória e também a construir bancos de dados", lembra a professora. O catálogo de clubes e associações desportivas existente no Ceme foi construído logo após esse período.

Mudanças na prática esportiva

Assim como todas as áreas, o esporte também se modificou com o passar dos anos e, para Janice, a qualificação dos profissionais de Educação Física é o principal motivo dessas transformações.

Porém, segundo ela, nem tudo mudou para melhor. "Hoje em dia, os clubes estão mais focados no aspecto técnico e tático do atleta, esquecendo do lado psicológico", reflete a professora, que exemplifica com o caso do goleiro Bruno, do Flamengo. "Aparentemente, ele recebia preparação técnica e física, mas nenhum apoio psicológico", opina, acrescentando que "é necessário preparar, além de atletas, cidadãos".

E foi com o objetivo de humanizar cada vez mais a Educação Física que a Esef incluiu em seu novo currículo disciplinas voltadas à terceira idade e aos portadores de deficiência. "É pouco, mas permite que os nossos alunos se aproximem das diferenças", acredita.

Um local para lembrar do esporte

Instituído em 1996, o Ceme foi uma ideia da professora Janice Mazo. Atualmente ele é coordenado pela docente Silvana Goellner e possui um catálogo de 230 clubes e instituições ligadas à Educação Física e ao Esporte, além de livros publicados antes de 1960, documentos, fotografias, vídeos e inúmeros artefatos como troféus, medalhas, vestuários, bandeiras e flâmulas.

Algumas curiosidades do Esporte Gaúcho

- * Antigamente, o Grêmio não era um clube voltado apenas para o futebol. O remo já foi um esporte de destaque do clube e da cidade
- * O primeiro gaúcho a participar dos jogos olímpicos foi Dario Barbosa, em 1920, na Tuérpia (Bélgica), na prova de tiro ao alvo
- * O segundo gaúcho a participar das Olimpíadas foi Willy Seewald, que em 1924 participou dos jogos de Paris na categoria de lançamento de dardos. Filho de marceneiro, ele mesmo fabricava seus dardos
- * A Sogipa é o clube mais antigo de Porto Alegre e a primeira sede estava localizada na rua Alberto Bins, no Centro da cidade
- * Alberto Bins, além de prefeito de Porto Alegre, foi um exímio atleta de remo e ciclismo
- * O time de futebol da Renner foi o primeiro a abalar a hegemonia do Grêmio





+ 1 Site

No link:

<http://www.educacaofisica.com.br/especiais/educacaofisica/historia.asp> é possível encontrar a História da Educação Física Mundial, com referências às origens da prática na China, Índia, Japão, Egito, Grécia e Roma no link. Neste site, também é possível encontrar definições sobre a profissão, dicas sobre o mercado de trabalho, desafios de quem se dedica à carreira, guia de ocupações na área, regulamentações e uma série de outros assuntos relacionados à profissão.

+ 1 Programa

Além de Narrativas do Esporte, a Rádio da Ufrgs (ZYK 280, 1080 kHz AM) tem outra novidade. É o Adufrgs no Ar, que desde o início de julho traz aos ouvintes notícias do movimento sindical por meio de entrevistas com diretores e membros da Entidade. Comandado pelo estudante da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação Social (Fabico), Vicente de Carvalho, o programa é veiculado todas as terças-feiras, das 10h05min às 10h20min. A Rádio da Universidade, uma das primeiras emissoras universitárias do Brasil, também é transmitida via internet através do endereço <http://www.ufrgs.br/radio/index.html>.

Exato Import
Educação Física
Secretaria
da Esc

NO MEIO DO
CAMINHO Tinha
UMA PEDRA
(agosto de 1961)



